

# Stadium

N.º 395 ★ 28 de Junho de 1950 ★ 2\$50



**SPORTING, 2 — A «PORTUGUESA» DE SANTOS, 1** — Os avançados leoninos tiveram no primeiro tempo deste encontro com os brasileiros acção meritória. Eis um desses momentos quando Vasques e Pacheco procuravam fechar a defesa brasileira.

# A SELECÇÃO DE LISBOA

## obteve a sua melhor vitória sobre Madrid

### Preparação física

O jogo final da Taça Latina, disputado em condições de excepcional competição, será por longo tempo lembrado e fixará um recorde difícil de bater. Entrando em campo dispostos a lutar noventa minutos, os jogadores dos dois grupos enfrentaram-se durante cento e cinquenta e seis minutos, liquidando o pleito exactamente três horas depois de o haverem começado.

E no entanto, apesar de tão inesperada e inédita, prova de fundo, todos mantiveram enérgica acção, de principio a fim, dando cabal prova de capacidade física, nem caimbras, sinal de exagerada fadiga muscular, nem abdicções ou desânimos, característicos de quebra da vontade ou da força moral. Que magnífico exemplo de desportivismo e cabal demonstração de cuidado treino.

Só atletas — atletas autênticos e devidamente preparados — poderiam suportar sem desfalecimento ou perda de efectividade, tão dura e prolongada prova.

Sem entrarmos em apreciação do valor técnico da partida, não hesitamos em afirmar que basta a prova de excelente condição física, de brio, de entusiasmo pela vitória, prestada pelos jogadores do Benfica e do Girondins, para a todos os espectadores de são espirito crítico ter seduzido esta famosa final da Taça Latina em 1950.

Pela maneira como agiram os jogadores franceses a partir do começo do primeiro prolongamento, julgamos deprender que eles seguravam a defesa, relegando o ataque a plano secundário, confiantes nos seus recursos físicos e esperando, naquela Maratona futebolística vencer o adversário por desgaste, por esgotamento progressivo. Sucedeu, porém, o inverso do que esperavam e os portugueses, como genuínos portugueses de alma sem limites, cresceram pelo tempo adiante e ganharam, porque quiseram com tamanha fé vencer, que a feminina vitória se lhes rendeu desvanecida.

SALAZAR CARREIRA

Série II — Ano VIII — N.º 395  
Lisboa, 28 de Junho de 1950

**Stadium**

REVISTA DESPORTIVA

REDACCÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA ROSA 252-1.<sup>o</sup>  
Telefone. 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

POR 62 pontos a 45, 7 vitórias a 3, a selecção de Lisboa derrotou no domingo a representação madrilenha que, pelas declarações feitas aos jornais antes da sua partida, se não vinham seguros de vencer, não nos davam folga para mais de quatro ou cinco pontos. Foram afinal dezasseis.

Não é caso para grandes regozijos, porque o conjunto visitante era demasiado frágil em certos segundos planos, mas sim para contentamento — é sempre agradável ganhar — mais ainda quando os resultados são de valor a considerar: 10,6 s. e 10,8 s. nos 100 m., por Paquete e Maia (a descontar vento e cronometristas favoráveis); 15,9 s. e 16 s. de Alcide e Cameira nas barreiras; 51,5 s. e 51,9 s. de Artur Dias e Casimiro nos 400 m.; 9 m. 4,6 s. de Lourenço nos 3.000 m. e novo recorde da estafeta olimpica (E. Silva, Artur Dias, Casimiro e Paquete) em 3 m. 25,5 s.; 7.<sup>o</sup> 265 e 6.<sup>o</sup> 999 em comprimento, por Alvaro Dias e F. Ponce; 13.<sup>o</sup> 90 e 40.<sup>o</sup> 79 por Manuel Silva, com o peso e o disco.

### ANDEBOL

## Futebol C. do Porto Clube Oriental de Lisboa são campeões nacionais

ENCERROU-SE no domingo a temporada andebolista, jogando-se as duas finais dos campeonatos máximos, este ano reduzidos ambos, por motivos diversos e longos de explicar, à forma mais sintética de encontro decisivo entre os vencedores dos torneios regionais.

Em Lisboa, num campo que não oferece facilidades de acesso nem as mínimas comodidades exigíveis para instalação dos espectadores, os juniores do Oriental derrotaram amplamente o grupo do Leixões, por 7-1, afirmando tamanha vantagem táctica e técnica, que desde o primeiro lance já o resultado não oferecia dúvidas. Nesta categoria a predominância lisboeta é notória, pois qualquer das equipas classificadas nos lugares de honra do torneio, como as do Almada e do Benfica, valem bastante mais do que o campeão portuense.

Já há dois anos assim fôra e na época passada, se o representante de Lisboa não tivesse

Estas marcas, a quase um mês dos campeonatos são bastantes para o otimismo sobre o futuro da temporada. Não fique sem reparo, ainda a considerável percentagem de novos na equipa, como Casimiro, Fernando Ponce, Cameira, Rui Maia, Eduardo Cunha, Noronha Feio, Lourenço, Ferreira, Eduardo Silva e Albuquerque, todos no ramo ascendente da sua carreira atlética.

A pior prova portuguesa foi a corrida de 800 metros, na qual Joaquim Branco e Pena da Silva, apesar dos tempos espanhóis terem superado os 2 minutos deixaram de existir praticamente desde que os adversários aceleraram. Reconhecemos, sem fazer dos nossos desejos ilusões, que não possuímos elementos de classe nesta distância, demasiado curta para o próprio Branco que não pode ser considerado especialista com qualquer espécie de classe para competições internacionais. Precisamos de procurar homens e prepará-los especialmente para correrem os oito hectómetros, em toada de velocidade prolongada. Dos actuais, é

Pena da Silva o que considero mais dotado, mas precisaria, para subir, de treino aturado e muito rigoroso.

Os dois saltadores em comprimento merecem parabéns e Alvaro Dias a menos de 8 centímetros do recorde, ultrapassou segunda vez o mínimo de selecção para os campeonatos da Europa, deixando a impressão de poder atingir bastante mais longe. Precisa, para isso, de aumentar a velocidade e a extensão da corrida preparatória. A mesma observação serve para o habilidíssimo Fernando Ponce.

Dos restantes atletas presentes queremos destacar (outros também o mereceriam, quase todos afinal). José Lourenço, pela sua empolgante e arrasadora ponta final, alma combativa e «genica» bem portuguesa e Manuel da Silva, exemplo de assiduidade e amor ao seu desporto, digno de todos os triunfos, que os há-de alcançar se existe justiça na terra.

SALAZAR CARREIRA

Não foi ainda desta vez que os «leões» «mataram o carneiro», um inocente animalzinho que promete, em longividade, rivalizar com o seu irmão olhanense.

A partida foi difícil e nivelada, apresentando como nota dominante esse equilíbrio entre os dois clássicos adversários, os mais lídicos representantes das duas regiões do andebol português.

A lição final da temporada, analisando-a no seu conjunto, mostra-nos que, apesar da sua incontestável maior expansão regional, o andebol nortenho não possui já sobre o sulista a superioridade de antanho e que ainda apregoaram alguns dos seus apóstolos. E deve acautelar-se, porque a julgar pelo valor dos futuros jogadores, o cetro pode muito bem mudar em breve de mãos.

JOSÉ DE EÇA

Na CIDADE, na PRAIA ou no CAMPO

é indispensável o uso do

“GAMMEXANE”

O novo insecticida inglês de efeito duradouro, que garantirá umas férias agradáveis, sem o incómodo dos insectos e parasitas

A VENDA NAS BOAS CASAS

«GAMMEXANE» «GAMMEXANE» «GAMMEXANE»

Em PÓ Em FUMO Em LÍQUIDO

Distribuidores C. U. F. - LISBOA-PORTO

# Como está representado o futebol europeu no Campeonato do Mundo

— Tudo leva a crer que um dos finalistas será uma equipa do Velho Continente

**Q**UANDO se organizou o IV Campeonato do Mundo e se decidiram as eliminatórias, concorriam à fase final oito países europeus. Dos seis dos resultados verificados foram classificados para ir ao Brasil, além da Itália — actual campeão — a Espanha, Inglaterra, Escócia, Suécia, Turquia, Suíça e Jugoslávia.

Mas os escoceses e turcos renunciaram aos seus direitos buscando a organização a maneira de cobrir as baixas convidando a França e Portugal. Este não aceitou e os franceses depois de darem o acordo desistiram à última hora. O Eire, por sua vez, recusou o oferecimento para substituir Portugal. São pois, somente 6, os países europeus nesta luta pela posse do título mundial.

Vejam os países a actuação das seis equipas europeias participantes:

**INGLATERRA** — De todos os países que estão em luta no Campeonato do Mundo, foi a Inglaterra que mais desastrosos efectuou esta temporada. A sua equipa nacional disputou sete encontros, sendo três correspondentes ao Campeonato do Mundo. Começou a temporada em Liverpool, perdendo com o Eire por 2-0. Depois no Campeonato Britânico venceu facilmente em Cardiff o País de Gales por 4-1 e a Irlanda do Norte, em Manchester, por 9-2. Veio em seguida o encontro com a Itália, em Londres, que apesar de sair vencedora por 2-0, não conseguiu convencer os técnicos.

Mais tarde, em Glasgow, bate a Escócia por 1-0, ganhando assim direito ao título e ida ao Rio. E, finalmente, a excursão ao nosso país e à Bélgica, triunfando em Lisboa por 5-3 e em Bruxelas por 4-1, em encontros com actuações muito desiguais.

Seu balanço: 6 vitórias e 1 derrota com 25 golos a favor e 9 contra.

A equipa B portou-se bem nos dois encontros que realizou em Inglaterra, vencendo a Suíça B, por 5-0 e a Holanda, por 1-0. Mas as suas actuações foram catastróficas quando se deslocou ao Continente. Derrotada pela Itália B, por 5-0, em Milão e por 3-0 em Amsterdã, contra a Holanda, acabou finalmente por vencer o Luxemburgo apenas por 1-0. Todos os homens que estão no Brasil são jogadores já habituados às lides do desporto-rei.

**ITALIA** — Só efectuou 3 encontros internacionais esta temporada. O pri-

meiro foi em Londres, onde perdeu por 2-0. Logo de seguida derrotou a Bélgica por 3-1 e veio finalmente de novo perder frente à Austria por 1-0. Ao fim e ao cabo destes três encontros: Inquietações e preocupações — a esquadra azul-verde não carburava a poucos dias do campeonato do Mundo. A equipa portou-se muito bem derrotando os ingleses por 5-0 em Milão. Nesta equipa estavam homens que estão hoje no Rio: Burini, Bonipesti, Cappello, Lorenzi e Caprile. O pobre balanço de duas derrotas e um triunfo com três golos a favor e quatro contra foi olvidado pelos italianos quando do rotundo êxito sobre os ingleses.

Tal qual como os britânicos os italianos têm 22 homens prontos a actuar à primeira voz no Rio. Novos nota-se apenas Casari, Blason, Campatelli e Magli, os restantes 18 são já veteranos...

**SUECIA** — Há dois anos o futebol sueco alcançou um nível magnífico, pois além do seu grande triunfo, nos Jogos Olímpicos de Londres conseguiu brilhantes vitórias internacionais. Os êxitos começaram logo em 1948, com aquele resultado memorável de Estocolmo, derrotando os mestres ingleses por 3-1. Mas aquele maravilhoso conjunto faltam hoje a maior parte dos jogadores, tais como Carlsson, Gurmar, Nordhal, Green, Liedholm e Bertel Nordhal todos em clubes italianos.

Claro que surgiram novos valores como Palmer — o fenómeno. Seis jogos disputou esta temporada a Suécia. Dois deles foram jogados em Estocolmo, com seguintes resultados: 8-1 à Finlândia e recentemente 4-1 à Holanda. Os outros quatro encontros foram jogados em Oslo, Copenhague, Dublin e Budapeste, ganhando à Noruega por 1-0, ao Eire por 3-1 e perdendo com a Dinamarca por 3-2 e com a Hungria por 5-0. O ba-

lanço é, portanto, quatro vitórias e duas derrotas, com 18 golos a favor e 11 contra.

**SUIÇA** — É a equipa mais fraca das seis da Europa que estão no Rio. A baixa de forma dos jogadores suíços fez pensar os dirigentes a retirar-se do torneio. Mas as coisas recomputaram-se e os suíços estão no Brasil, e de resto mal parecia que o país que vai organizar o V Campeonato do Mundo não concorresse ao IV torneio. Cinco partidas disputou a Suíça, ganhando de todas elas apenas uma, empatando outra e perdendo as restantes. Venceu o Luxemburgo por 3-2, saiu derrotada depois em Bruxelas por 3-0 e surgiu inesperadamente o empate com a Austria em Viena por 3-3, para depois perderem com a Escócia por 3-1 e com a Jugoslávia por 4-0.

A equipa B actuou em Sheffield perdendo a Inglaterra por 5-0.

**JUGOSLÁVIA** — Foi precisamente no I Campeonato Mundial que começaram a aparecer os êxitos da Jugoslávia pois até então o seu futebol não atravessava as fronteiras. Em Montevideo classificou-se em 1.º lugar no seu grupo no qual figurava a Brazil, com o cabeçote e que o derrotou por 2-1. Nas semi-finais a Jugoslávia foi vencida pelo Uruguai por 6-1.

Esta temporada os jugoslávicos só perderam uma partida e em Belgrado, frente à Austria, por 5-2. Eliminaram o Israel do Campeonato do Mundo por 5-0 e por 5-2 em Tel-Aviv. Vêm depois os dois empates com a França e a eliminação desta em Florença por 5-2, em Belgrado e à Suíça em Berna por 4-0. Ao fim e ao cabo: 5 vitórias, dois empates e uma derrota, com 27 golos a favor e 12 contra.

**ESPAÑA** — A campanha da Espa-

ña, foi muito curta. Boa vitória em Madrid, por 5-1, contra Portugal e um empate em Lisboa por 2-2. Junto encontrará o leitor um quadro que o elucidará de forma completa como actuarão as equipas da Europa que estão presentes no Rio.

JOSÉ BATALHA

## Espanha

Madrid, 2-4-50. Espanha, 5; Portugal, 1.  
Lisboa, 0-4-50. Portugal, 3; Espanha, 2.

## Inglaterra

Liverpool, 21-9-49. Inglaterra, 0; Eire, 2.  
Cardiff, 15-10-49. País de Gales, 1; Inglaterra, 4.  
Manchester, 16-11-49. Inglaterra, 9; Irlanda do Norte, 2.  
Londres, 30-11-49. Inglaterra, 2; Itália, 0.  
Glasgow, 15-4-50. Escócia, 0; Inglaterra, 1.  
Lisboa, 14-5-50. Portugal, 3; Inglaterra, 0.  
Bruxelas, 18-5-50. Bélgica, 1; Inglaterra, 4.

## Equipa B

Sheffield, 15-5-50; Inglaterra B, 5; Suíça B, 0.  
Newcastle, 22-2-50. Inglaterra B, 1; Holanda, 0.  
Milán, 11-5-50. Itália B, 5; Inglaterra B, 0.  
Amsterdam, 17-5-50. Holanda, 3; Inglaterra B, 0.  
Luxemburgo, 21-5-50; Luxemburgo, 1; Inglaterra B, 2.

## Itália

Londres, 30-11-49. Inglaterra, 2; Itália, 0.  
Bolonha, 5-3-50. Itália, 3; Bélgica, 1.  
Viena, 2-4-50. Austria, 1; Itália, 0.

## Equipa B

Milán, 11-5-50. Itália B, 5; Inglaterra B, 0

## Suécia

Estocolmo, 18-9-49. Suécia, 3; Finlândia, 1.  
Oslo, 2-10-49. Noruega, 6; Suécia, 1.  
Copenhague, 23-10-49. Dinamarca, 3; Suécia, 2.  
Dublin, 13-11-49. Eire, 1; Suécia, 3.  
Budapeste, 20-11-49. Hungria, 5; Suécia, 0.  
Estocolmo, 8-6-50. Suécia, 4; Holanda, 1.

## Suíça

Luxemburgo, 18-9-49. Luxemburgo, 2; Suíça, 3.  
Bruxelas, 2-10-49. Bélgica, 3; Suíça, 0.  
Viena, 19-3-50. Austria, 3; Suíça, 1.  
Glasgow, 26-4-50. Escócia, 3; Suíça, 1.  
Glasgow, 26-4-50. Escócia, 3; Suíça, 1.  
Berna, 11-6-50. Suíça, 0; Jugoslávia, 4.

## Equipa B

Sheffield, 18-1-50. Inglaterra B, 5; Suíça B, 0.

## Jugoslávia

Belgrado, 21-8-49. Jugoslávia, 6; Israel, 0.  
Tel Aviv, 18-9-49. Israel, 2; Jugoslávia, 5.  
Belgrado, 9-10-49. Jugoslávia, 1; França, 1.  
Paris, 30-10-49. França, 1; Jugoslávia, 1.  
Belgrado, 13-11-49. Jugoslávia, 2; Austria, 5.  
Florença, 11-12-49. Jugoslávia, 3; França, 2.  
Belgrado, 28-5-50. Jugoslávia, 5; Dinamarca, 1.  
Berna, 11-6-50. Suíça, 0; Jugoslávia, 4.

## A ÉPOCA DE FUTEBOL DE 1949-50 (III)

# ATLÉTICO CLUBE DE PORTUGAL

**N**O Campeonato Nacional de futebol da I Divisão costuma haver três espécies de competição: a luta pelo primeiro lugar; pela supremacia entre os que não aspiram ao título; e a fuga aos últimos lugares da classificação e riscos inerentes.

Na época transacta, o Atlético viu-se, a certa altura, relegado para esta última «competição». Lutou agora na escala seguinte — a dos sub-campeões... De ambas as vezes, ficou vitorioso.

Lançado numa carreira ascensional, o que nos reservará o Atlético na próxima época?

### Os jogadores

O Atlético possui um conjunto de real valia. Os elementos que mais se distinguiram foram, como é natural, aqueles que mereceram a honra de vestir o «jersey» das quinas: o guarda-redes Ernesto e o avançado-centro Ben David.

Há duas épocas, talvez ninguém previsse para tão cedo, a «internacionalização» daqueles dois rapazes. Progrediram incontestavelmente. Talvez contágio da própria progressão de toda a equipa...

Ernesto afirmou-se um guarda-redes de ótimos recursos, dan-

do a ideia que será ele o verdadeiro sucessor do «grande» Azevedo.

Ben David, um avançado-centro móbil e rematador como poucos, é o fulcro do ataque alcantarense. Se os seus interiores o acompanharem devidamente, o poder ofensivo do Atlético será em breve bastante respeitável e se Armando Carneiro recuperará a boa forma da época anterior, estará ali o homem indicado para coordenar o ataque e valorizar mais ainda o avançado-centro. Teixeira da Silva tem dado provas satisfatórias. Mas Martinho e Caninhas não têm deixado os seus créditos por mãos alheias.

Na linha média, a experiência de José Lopes e o espírito de luta de Moraes pesam favoravelmente no rendimento da equipa. O compartimento defensivo destaca-se na turma do Atlético. O jovem Abreu é uma promessa. Rápido e possuindo apreciável poder de recuperação.

À direita, o veterano Baptista adoptou novos processos de luta — e o resultado tem sido magnífico.

Ladeado por defesas seguros e em que se pode confiar, Armando não tem destoadado no ingrato posto de guarda ao avançado-centro. Deste modo, o clube de Alcân-

tara e Santo Amaro orgulha-se justamente de possuir um «team» homogêneo e praticando futebol de apreciável quilate.

### Estatística

Não foi esta a primeira vez que o Atlético alcançou um destacado 3.º lugar. No ano da sua estreia na Divisão de Honra, em 1943-44, os alcantarense classificaram-se logo a seguir ao Sporting e Benfica, apenas a dois pontos dos «encarnados» e a sete, dos vencedores. Classificaram-se em 5.º lugar na época seguinte e em 1947-48, intercalando um 7.º posto no torneio anterior. No ano passado estiveram em riscos de descer à II Divisão, e só na última jornada conseguiram fixar-se em 10.º.

Este ano, o Atlético conquistou a 3.ª classificação com 11 vitórias, 8 empates, 7 derrotas, e 53 golos marcados contra 42 sofridos. Ben David, o novo avançado-centro da Selecção Nacional, foi o melhor marcador do «onze» e o 4.º do Campeonato. Obteve 21 golos. Martinho, marcou 9; Caninhas, 7; Armando Carneiro, 6; Teixeira, 4; Barbosa, 3; José Lopes, 2 e Etelvino, 1.

Nos 144 desafios para o Campeonato Nacional, desde 1943, o Atlético conquistou 58 vitórias, 31 empates e 55 derrotas, 311 golos marcados contra 311 sofridos.

As melhores marcas por encontro, em cada ano, foram: 1943-44: 8-0 (Académica); 1945-46: 4-1, 1946-47: 5-0 e 1947-48: 5-0 (contra o Boavista); 1947-48: 6-0 (Académica) e 10-4 (Olhanense); 1948-49: 5-1 (Covilhã e Setúbal). Setúbal; 1949-50: 6-0 (Vitória de Guimarães).

VASCO C. SANTOS

# RAÚL DE OLIVEIRA

Ilustre director do "Mundo Desportivo", concedeu-nos uma sugestiva entrevista.



Raúl de Oliveira recebe o nosso camarada Pitta Castelejo no seu gabinete de trabalho no «Mundo Desportivo», e confia-lhe as impressões da sua vida de jornalista.

**C**OMEÇAM hoje a depor, nesta revista, algumas das figuras mais destacadas do jornalismo desportivo português.

A primeira, Raúl de Oliveira, ilustre director do nosso prezado colega «Mundo Desportivo», dispensa apresentação pormenorizada tão conhecida é a a sua obra e inconfundível a sua personalidade. Dinâmico, incansável, perseverante, Raúl de Oliveira, amigo que muito estimamos e admiramos, tem prestado serviços sem conta ao desporto da Nação, que muito e muito lhe deve e mais ficará devendo, ainda, estamos certos.

A troca de impressões decorreu naquele tom desprendido e amistoso que caracteriza as conversas entre oficiais do mesmo officio, enquanto sobre a mesa de trabalho se iam acastelando, pouco a pouco, rimas de originaes dos relactores daquele jornal.

## A iniciação jornalística

Do muito que nos foi dito, vamos tentar reproduzir, o mais fielmente possível, os principais passos da interessante palestra, que começou desta forma:

— Enveredei para o jornalismo por hereditariedade e por tendência. Meu pai era jornalista profissional e proprietário de alguns jornais, entre eles o «Correio de Mafra» e mais dois cujos nomes não me ocorrem, mas que se publicavam em Évora e Lisboa, este nos primórdios da propaganda republicana. Na minha qualidade de tipógrafo, privava de perto com jornalistas e escriptores e de sua estreita convivência se enraizou no meu espirito o gosto por estas andanças de escrever nos jornais.

«As circunstâncias da vida fizeram-me ingressar no «Jornal de Sports», que appareceu a público af por 1913 ou 1914, dirigido pelo saudoso Alvaro de Lacerda. Neste periódico comecei os primeiros escriptos. Da fusão entre este jornal e o «Sport de Lisboa», orgão do Sport Lisboa e Benfica, resultou a existência de um novo paladino da causa desportiva, que embora mantendo o nome do desaparecido orgão benfiquista, era independente e continuava sob a direcção de Alvaro de Lacerda. A minha iniciação jornalística prosseguiu cumulativamente com o cargo de chefe da tipografia».

«Os anos foram passando e a minha vocação para o jornalismo cada vez era maior. Em 1927 abandonei este semanário, — que pouco depois acabou —, passando a trabalhar em «Os Sports», como redactor principal, na vaga deixada por Cândido de Oliveira. O Ricardo Ornelas e eu, deslocámo-nos ao Brasil, em serviço de reportagem, tendo trabalhado com o célebre «quadro eléctrico» que fez furor nessas alturas. Depois, firmada pouco a pouco, mas com consciência e honestidade profissional, a minha posição, tive em 1930 a grande alegria de assumir a direcção de «Os Sports», quando Gomes Montelro se afastou».

«Quero ainda esclarecer, para remate deste assunto, que fui o proprietário do jornal humorístico «Cega-Rega», que se publicou em 1924 e teve vida efémera porque, segundo afirmavam, a piada no mesmo inserta era muito fina».

## Preferências e boas e más recordações

Abordados outros temas, ouvimos o que se segue:  
— O jornalismo que mais me interessa, por aliciente, é sem dúvida o de carácter geral. Publiquei vários artigos no «Diário de Notícias», narrando as impressões colhidas durante algumas viagens que fiz ao estrangeiro. Só episódicamente tenho colaborado em outros. Embora com a responsabilidade de direcção de um jornal de desporto, as minhas preferências vão para o jornalismo de generalidades, que só não cultivo por falta de tempo.

Depois, com laivos de tristeza, afirmou-nos:  
— Nesta vida laboriosa que é a da Imprensa, recheada de momentos bons e maus, recordo com amargura o desastre que me vitimou e cujas consequências são do domínio de todos.

«Estava trabalhando na organização da parada que se realizaria no Porto com o fim de se solicitar aos poderes públicos a construção de um Estádio naquela cidade e tudo caminhava pelo melhor. Na véspera do grande dia, o accidente brutal verificou-se. Mais do que as dores que me atormentavam, impressionou-me, fortemente, a noticia que me deram, da não realização da parada, em sinal de desgosto pelo sucedido.

«Sem hesitar, contrariei a ideia com a maior convicção, — o traba-

lho estava de pé, e nada mais havia a fazer de que executar o plano estabelecido, — e insisti para que os meus desejos fossem respeitados, porque vislumbrava na attitude assumida, que existia mais o propósito de torpedear uma iniciativa, do que expressar um sentimento de solidariedade. De facto, o meu pedido foi atendido. A parada effectuou-se, mas da mesma não rescendeu aquelle significado forte, tão necessário e imperioso para a obtenção do que se pretendia».

A seguir exclamou:

— Também tenho tido grandes momentos de satisfação e alegria, ao ver realizadas, plenamente, as iniciativas a que meti ombros. O segredo do êxito de todas elas deve filiar-se, não propriamente na minha acção pessoal, mas sim no espirito de compreensão e ilimitada dedicação dos camaradas que comigo trabalharam e a quem me confesso grato.

## O polemista

Sobre este assunto, registámos as declarações seguintes:

— A polémica seria a minha especialidade se o ambiente fosse propicio. É uma forma de jornalismo difícil e por vezes resvaladiça. Todavia, algumas das minhas melhores crónicas surgiram precisamente em plena polémica e nas muitas que sustentei, não me lembro de que alguma vez tenha ficado mal colocado. A propósito, vou contar um episódio que tem o seu tic de graça e garotice e se refere exclusivamente um polemista que comigo terçava armas. A forma de o confundir residiu apenas no emprego propozido de um i agudo.

«O meu contraditor, — não interessa citar o nome —, era uma figura destacada nas Assembléias Gerais. Contudo, não manejava a pena com a mesma facilidade com que usava a oratória. Debatia-se um problema que apaixonava, nessa altura, o meio futebolístico e as nossas opiniões eram divergentes. Após a recepção de uma carta do meu opositor, em que comentava o artigo que eu publicara, ripostei de pronto. Em certo passo do novo artigo dizia pouco mais ou menos: *O sr... escreveu-nos mais uma carta insistindo nos seus pontos de vista, que já por nós foram rebatidos suficientemente. Estamos em aceder que as nossas palavras e os nossos argumentos lhe têm perturbado o espirito. Decididamente o sr... está doído.*

Aí tem, — prosseguiu Raúl de Oliveira, o acento agudo no i que havia de servir para liquidar a questão, porque o período estava trabalhado de maneira tal que o sr... leria *doído* e não *doído* como se afirmara.

«Não me enganei nas minhas suposições. Em nova carta o sr... muito irritado, accusava-me de abusar da posição que occupava no jornal, permitindo-me declarar que ele estava doído, quando a verdade única era a de que estava em perfeito juizo como podia provar...»

«Liquidei o assunto, a meu contento, escrevendo no jornal que era muito de lamentar que o sr. não soubesse ler, porquanto *doído*, era sinónimo de magoado».

## Como trabalha o jornalista

Mais um punhado de opiniões:

— Não tenho nenhuma preferência especial em trabalhar de dia ou de noite. No entanto, por uma questão de comodidade, utilizo mais as noites, que me permitem maior sossego e concentração de espirito. Fora disso escrevo em qualquer lado. Quando em serviço, fora da capital, procuro geralmente um café para redigir os artigos, não me impressionando o barulho que se faça à minha volta. Escrevo com facilidade, enquanto fumo uns tantos cigarros e sorvo goles de café. Detesto que me interrompam.

«Confesso que tenho tido preocupação em manter estilo próprio no que escrevo. Se o não consegui é porque de tal não sou capaz. Em geral, fico sempre descontente com o que produzo e sou critico severo de mim mesmo. Mas, a invés, muitas vezes, passado largo lapso de tempo, ao reler os meus escriptos, não os acho tão maus como inicialmente supuz...»

— Declaro-lhe, — continuou, que preferia escrever a ter que ditar as minhas produções e, esclareço, que se me socorro muitas vezes desta facilidade é porque a isso sou forçado. De resto, ditando ou escrevendo a fluência é idéntica. Esse dom, felizmente, desde sempre que me acompanha, quer nas orações escritas quer nas faladas.

«Vivo inteiramente para o jornal e procuro acompanhar de perto todo o movimento desportivo, espreitando os assuntos que se me afiguram de interesse para o público. Conto com a colaboração sincera dos que comigo trabalharam e a quem dou latitude para apresentarem com a-vontade os seus pontos de vista».

## Iniciativas e projetos

Mudamos, outra vez, o rumo da conversa. Amavelmente o nosso interlocutor aquiesceu ao que pretendíamos e disse-nos:

— Já tenho pensado por diversas vezes em publicar um livro de crónicas, escritas há muitos anos e que versam episódios vividos e observados durante a conflagração de 1914-1918. Dado o sabor especial de que estão revestidos, não tenciono mudar-lhes uma virgula que seja.

«Também tenho original suficiente para a confecção de um livro de memórias. Mas... há sempre um mas, as edições hoje são caríssimas, a procura do livro é em número reduzido e os editores não apparecem a oferecer-nos condições satisfatórias. Aguardarei mais algum tempo».

# AS EXIBIÇÕES DOS NADADORES ALEMÃES CONSTITUÍRAM ASSINALADO ÊXITO

O magnífico Estádio Náutico de Algés voltou a servir de cenário a jornadas internacionais de natação. O Algés e Dafundo, mantendo uma tradição que data de 1931 e que tão altos benefícios tem proporcionado à modalidade, resolveu — e em hora feliz o fez — trazer até nós o homogêneo conjunto do «Schwimm Verein Poseidon Hamburg», cujas exhibições, na sexta-feira e no sábado da pretérita semana, constituíram assinalado êxito.

Do elenco germânico duas figuras se destacam: o excelente «brucista» Herbert Klein — «recordman» europeu dos 200 metros-bruços — e o extraordinário saltador Guenter Haase — campeão da Alemanha de saltos de alto voo — verdadeiro artista na difícil e espectacular modalidade dos saltos para a água.

Na equipa do S. A. D. — e à parte o entusiasmo e desportivismo de todos os nomes de Eduardo Murta Barbeiro e Fernando Esteves Madeira que realizaram, sem dúvida, exhibições dignas dos melhores elogios.

Em «water-polo» — e recordemos que o Poseidon ostenta o título de campeão da Alemanha do Norte — a equipa do S. A. D. exhibiu-se satisfatoriamente, perdendo na primeira noite por 3-3, e empatando na segunda, por 5-5.

As duas jornadas da semana passada englobaram oito provas internacionais. Os alemães venceram quatro e os lusitanos três. Eduardo Barbeiro alcançou magnífico triunfo nos 100 metros-costas e Fernando Madeira averbou duas excelentes vitórias nos 100 e 200 metros-livres. Na estafeta de 5x25 metros-livres, as equipas terminaram «ex-aequo». E este o balanço das reuniões de sexta-feira e de sábado.

Nos 100 metros-costas, Barbeiro triunfou muitíssimo bem, vencendo Hotz com nitidez, e creditando-se de 1 m. 13,6 s. — marca que fica constituindo novo recorde nacional na categoria de juniores.

Os 200 metros-bruços proporcionaram excelente exhibição de Klein, o poderoso «recordman» europeu, que percorreu o duplo hectómetro em 2 m. 39, 5., patenteando a sua invulgar classe de «mariposista». Brockman obteve 2 m. 56, 6 s.

Fernando Madeira e Biddrich travaram luta emotiva nos 200 metros-livres. Em excelente «forma» e acusando notórios progressos, o nadador do S. A. D. impoz-se com entusiasmo e brilhantismo patenteando belo espirito de luta. Obtendo 2 m. 27, 2 s. contra 2 m. 31, 7 s. de Biddrich, o representante do S. A. D. estabeleceu, assim, novo recorde nacional na categoria de juniores.

Na estafeta de 3x100 m., catilões, a equipa do Poseidon (Hotz, Klein, e Biddrich), graças ao percurso Klein, alcançou vitória merecida, totalizando



A equipa alemã com os seus dirigentes.



Os dois nadadores lusitanos mais em evidência: Eduardo Murta Barbeiro (à esquerda) e Fernando Esteves Madeira.



Os grupos de «water-polo» do Algés e Dafundo e do Poseidon de Hamburgo



Eduardo Murta Barbeiro — que melhorou o recorde nacional de 100 metros-bruços, juniores — e Herbert Klein, «recordman» europeu dos 200 metros-bruços.

3 m. 34, 2 s. A prova decorreu com muito entusiasmo tendo, justificadamente arrebatado o público. O Algés e Dafundo, com Franco do Vale, Murta Barbeiro e Fernando Madeira, totalizou 3 m. 38 s.

A reunião de sábado abriu com a prova de 100 metros-livres, novo duelo entre Madeira e Biddrich, tal como no duplo hectómetro resolvido a favor do atleta do S. A. D.. Creditando-se de 1 m. 03, 5 s., Madeira estabeleceu novo recorde nacional na categoria de juniores, tendo Biddrich obtido 1 m. 06, 1 s.. Nos outros postos: Hotz (1 m. 06, 6 s.), José Borja (1 m. 11, 2 s.) e Eurico Perdigão (1 m. 11, 3 s.).

Nos 100 metros-bruços, como é natural, Klein fez prova à parte, galgando o hectómetro em 1 m. 11, 8 s.. Eduardo Barbeiro, no entanto, logrou melhorar o recorde nacional de juniores, fixando-o em 1 m. 19, 8 s., e vencendo Brockman, que obteve 1 m. 21, 4 s..

As duas estafetas reuniram fartos motivos de agrado. Houve luta emotiva — e resultados técnicos apreciáveis.

Nos 3x100 metros-livres, o Poseidon de Hamburgo conseguiu superiorizar-se por dois décimos de segundo apenas.



Herbert Klein, forte «mariposista» que impressionou extraordinariamente pelo seu alongo.



Guenter Haase — o famoso saltador que galvanizou o público lisboeta.

O instante problema das arbitragens é posto na justa medida num artigo que o nosso conhecido Ramon Melcon publicou no «Mundo Desportivo». Para o conceituado árbitro e dirigente espanhol, há-de ser extremamente difícil pôr de acordo tanto árbitro que neste momento se encontra no Brasil para a direcção dos jogos do Campeonato do Mundo.

Claramente, o assunto merecia, de facto, uma atenção que os dirigentes internacionais não parece terem tido...

As diferenças de temperamento e, dos árbitros convocados até, as suas divergentes interpretações da Lei, poderão chocar-se de tal modo que o Campeonato do Mundo sobre ser já uma raquítica hipótese do verdadeiro e exacto Campeonato do Mundo, venha também a ser uma prova de luta livre em que os sul-americanos muita vez gostam de transformar o futebol...

Evidentemente, eu não estou a intrometer-me, grosseiramente no problema da ordem nos Campos em países que me não conferem autoridade para o fazer. Nem há, suponho, indelicadeza alguma em referir que tanto os brasileiros como os argentinos amiúde transformam os campos de futebol em ringues de pancadaria. Foi o caso que acabei precisamente de ler que num recente jogo entre universitários brasileiros e uruguaios todos os jogadores se envolveram em desordem por causa das tais diferenças de critério nas arbitragens. «O Diamante Negros» nome por que é conhecido um antigo e célebre jogador brasileiro — Leonidas — que, ao acaso, era o orientador dos futuros intelectuais brasileiros, ainda quis pôr água na fervura, como costuma dizer-se, mas acabou, também, por se envolver na refrega — num feito que, com os anos, lhe parecia esquecido...

Aquela teoria do homem optimista que o amigo Neves Reis tão elegantemente expõe nos seus «pontos sem nó» ainda neste caso não perdeu, pois, evidentemente, qualquer dos grupos em contenda já estava prevenido de que o outro o poderia arrastar — como o gato... A meu ver, a teoria do homem bicho confunde-se, aqui, com a do bicho homem: ou eram todos os homens que se transformaram em bichos ou eram todos bichos que alguém teimosamente queria que fossem homens...

Aqui há anos, sem haver Campeonato do Mundo — porque o caso passou-se mesmo em Portugal — e sem haver, também, diferenças de critério de arbitragem pois os grupos contendores eram aqui da vizinhança da nossa lindíssima capital, eu fui, com o árbitro Carlos Canuto, meu amigo pessoal, para a direcção dum jogo muito mais repuzado que qualquer Brasil-Uruguai. Não digo os nomes dos clubes contendores pela simples razão de que o meu pélo poderia sofrer séria arremetida... Mas o caso foi falado. Mal tinha soado o apito para o jogo começar logo um médio de um dos grupos fez fainca no chão ao devolver uma bola: aquilo era, nitidamente, para conter o adversário em respeito. Mas o golpe não resultou. Como o árbitro, ainda frio, se houvesse limitado a mandar marcar um pontapé livre contra o grupo a que pertencia o tal jogador faincante,

# Flagrantes

## O campeonato do mundo os árbitros e outras coisas mais...

os adversários, por não concordarem com tão leve punição, num ápcie desenvolveram uma estratégia de cerco que faria inveja ao general mais consumado.

A tal teoria da liberdade de acção que os militares tão inteligentemente defendem como necessária às suas operações viu-a o árbitro seriamente comprometida e, então, só teve um recurso: esgrimir à maneira de Alcântara — berço do bom do Carlos Canuto.

Tudo isto para dizer, no final, que não é só na América do Sul como azedamente se poderia depreender do que escrevi no início deste artigo que os futebolistas se empenham em bravata tesa se as coisas desportivas lhes não correm de feição. O Carlos Canuto que o diga como decorreu essa pugna a que fiz referência também. Aquilo que eu contei foi o início. O meio e o fim foram bem piores — como que o complemento directo do que fôra o aviso inicial.

Andam os sábios, agora, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, especialmente empenhados em conseguir os processos científicos para retardar o envelhecimento do homem.

As experiências vêm sendo feitas com sucesso incontestável — em ratinhos. Parece, dizem esses sábios, que o rato é o bicharoco mais assemelhável ao homem no tempo de duração — proporcionalmente. E então vá de, por meio de hormonas, pôr os ratinhos a saltar como ratinhos muito novos.

Salvo melhor opinião o que o sóbio inglês nos elucidou do

valor das experiências já feitas deveria fazer era dar um saltinho até esta Lisboa que ou eu ou o Carlos Canuto o levaríamos a tal localidade onde o jogo se deu — que aquela gente, para saltar, nem precisa de hormonas.

E como cá nesta conversa sobre os estudos que vêm sendo feitos para aumentar a longevidade do homem, sempre me atrevo também a dizer que o caso me parece de grande valor para os optimistas da estirpe do Neves Reis. Um regalo! Os tais sábios dizem que dentro de uns vinte anos será fácil elevar o tempo de duração do homem hoje calculado entre os 50 e os 60 anos para os 100 ou 120. Dentro de uns cinquenta anos, a média de duração do homem irá para 150 ou 160 anos.

Mas nem aqui, os sábios, afinal, terão descoberto coisa que se veja. Em Portugal esses estudos suponho que não levam grandes cuidados aos homens de ciência mas, apesar disso, ou por efeito do vinho verde, ou por obra e graça de quaisquer outras razões que a minha tacanhez não descobre nem tenta descobrir, há homens que pulam — a sério! — como ratos injectados com hormonas. É ver o caso dum jogador, antigo internacional, que ainda há dias deu uma lição de vigor na disputa da Taça Latina.

O Moreira — que é do Moreira que falo — bem merecia ir ao Campeonato do Rio de Janeiro — para ser visto...

E nem se compreende um Campeonato do Mundo sem o Benfica — o melhor do Mundo!

M. S.

## COMO TRABALHAM OS JORNALISTAS DESPORTIVOS

(Continuação da pág. 4)

Depois de havermos sabido que das muitas iniciativas levadas a cabo, para o nosso entrevistado duas se sobrepujam em relevo às restantes, insistimos para que as nomeasse. São elas, no aspecto desportivo, a Volta a Portugal em bicicleta e o educativo os cursos de ginástica.

### O panorama desportivo actual.

Uma última pergunta: Quais as suas impressões sobre o movimento desportivo?

— Penso que não se encontrou ainda o verdadeiro ritmo para integrar o desporto no nível de

educação que deve corresponder aos seus objectivos, porque há uma tarefa importantíssima a desempenhar. Mais do que forjar campeões e procurar a perfeição técnica, urge criar uma mentalidade desportiva em todos os que militam nos nossos clubes.

«Tal como as coisas se desenhavam, não só cá como por toda a parte, o desporto encaminha-se, não para aquela escola de virtudes que todos nós desejamos sinceramente, mas para uma situação desastrosa em que os conflitos e as lutas de interesses surgem a cada passo desoladoramente.»

Obrigado, Raúl de Oliveira, por tudo quanto nos revelou.

PITTA CASTELEJO

## Problema complicado

A fórmula adoptada este ano pela respectiva federação para a disputa do campeonato nacional de andebol foi motivo para reclamação e protestos, que podem ser analisados sob vários aspectos mas traduzem, no fim, os inconvenientes de uma situação de interesses antagónicos e que é impossível de resolver em quanto os dois partidos intervinientes quizerem conservar-se em posições intransigentes.

Os clubes portugueses, conscientes da maior expansão da modalidade, na sua zona, pretendem — e não sem lógica — uma prova nacional de vulto e onde desempenhem papel proporcional ao seu valor; os clubes lisboetas não se opõem por princípio, mas reconhecem a sua incapacidade para suportar os pesados encargos inerentes. Em sùmula, as colectividades nortenhas contam com receitas que lhes compensam em grande parte os gastos; as suditas sobem de antemão que o tributo do público não chegará para mandar cantar um cego. E como nenhum dos partidos quer reconhecer as razões do outro, nem dar um passo para lhes ajudar a satisfação, o problema manteve-se insolúvel até ao último domingo utilisavel da época, um encontro decisivo entre os grupos campeões regionais, campeonato sintético que, na realidade, não deve satisfazer ninguém.

Remédio? Deve a Federação estudar o assunto durante o defezo, sem consultar associações porque já lhes conhece de sobra a argumentação e apresentar na abertura da época um regulamento definitivo, superiormente aprovado, defendendo tanto quanto possível os interesses de todos, mas evitando que uns queiram para si a carne e os louros, deixando para os outros apenas os ossos para roerem.

## Leão d'Ouro

Restaurante \* Cervejaria \* Bar  
Neste estabelecimento encontrar-se-á V. Ex.ª tudo o que de melhor o mar produz; assim como os pratos de especialidades mais raramente desejados

R. 1.º DE DEZEMBRO, 89 n.º 99  
Telef. 26195 — LISBOA

**O** S hogueistas — campeões do Mundo estão na berlinda... Disse-se aqui que a apoteose teria seguimento — porquanto a desfecho do acroportio, com a consequente do Estádio Nacional, foi uma simples amostra — e, com efeito, assim succede. Toda a gente quer ver e festejar (como, aliás, muitíssimo bem merecem) os bravos vencedores de Milão! Estamos até em crer, que, pelos vistos, eles não chegam sequer para as encomendas... Mas isto não demonstra o grande e natural interesse que o brilhante triunfo alcançado na Itália despertou por todo o País. É, seguramente, digam lá o que disserem os inimigos do desporto e os eternos despeitados doutra feição, um facto positivo de alto fervor patriótico. De resto, mesmo descontando certos despropósitos, perfeitamente acedíveis na circunstância, as homenagens prestadas aos colorosos desportistas nunca serão demais. Eles merecem realmente todo o nosso carinho e simpatia — e agradecimento, também, pelo individual feito praticado além-fronteiras, que não tem paralelo na história do desporto lusitano.

Não foi somente através das ruas de Lisboa que os rapazes do hóquei fizeram a sua consagração. Foi, depois, nas terras-madres, principalmente em Paço de Arcos e Sintra; e ainda no Pavilhão dos Desportos, no Palácio de Cristal (Porto), noutros sítios, enfim, onde estiveram. A recepção que o povo do Porto lhes fez para cima de tudo — pelo menos até agora... Realmente, se nos aplaudiu por mais de cem mil pessoas, dir-se-á com melhor expresso por toda a idade, é um acontecimento que, por invulgar, fica na memória. O Porto, neste aspecto retintamente bairstria, vence sempre por K-O... Mas há mais (e haverá) porque a epíscopia não se adros e não pára lá cedo... Assim, por exemplo, com um significado especial; registem-se as visitas ao Chefe do Estado e a Salazar, a quem os campeões do Mundo ofereceram uma medalha comemorativa do Ano Santo benta pelo Sumo Pontífice quando recebeu a equipa no Vaticano; o tributo do Município de Oeiras, aos hogueistas da região, e a entrega de medalhas de ouro do conceito à Emídio e aos primos Correias; as homenagens da freguesia de Benfica a Sidónio e de Sintra a Edgar, Raio e Cipriano; as manifestações de agradecimento do Porto a Figueiredo e Manuel Soares; e, também, a Jesus Correia, em Abranches, por ocasião da recente ida do grupo de futebol do Sporting daquela cidade. Enfim — as homenagens parecem não terem fim... E a África? E as Ilhas? E o Brasil? Seriam, sem dúvida, outras tantas magníficas oportunidades para atitudes consagradoras dos méritos desportivos e patrióticos dos bravos campeões do Mundo.

A propósito: a Federação Portuguesa de Patinagem tem fatalmente de se pronunciar; mas quando o fizer não é decaído associar ao acto, mesmo na qualidade de simples convivas, os pioneiros do hóquei (no reduzido número dos quais se conta o seleccionador Prazeres) ou seja aquela equipa do Benfica que há precisamente 20 anos — em Maio de 1930 — desbravou o caminho a todos os campeões da actualidade europeia. Fizeram-no os nomes: António Câmara Adão, Fernando Pinto Adrião (que reside em Lourenço Marques — mas não está esquecido), Germano Abílio Torre Frazão de Magalhães, José Carlos da Gama Lobo da Sousa, José Prazeres e Leonel José da Costa. E ainda (por que não?) os outros AMBROSOS DO HÓQUEI: os nomes de direito e de facto — ausentes na turma de agora: Alvaro Simões Lopes e Olivério Aguiar de Serpa. Era, evidentemente, um acto de inteira justiça — quanto mais não fosse, repetimos, na situação de meros convidados.

## RECORDAM-SE OS 14 ENCONTROS NORTE-SUL

IX — No Porto (14-1-50) com vitória do Sul por 8-2 (1.ª parte: 5-1) e arbitragem de Laurentino Soares (Porto). Alinharam e marcaram: Norte — Gomes da Costa, Correia de Brito (1), António Figueiredo, Santiago (1), Figueiredo (2) e Fernandes; Sul — Emídio, Raio (3), Edgar, Correia dos Santos (3), Velez (1) e Cruzeiro (1).

X — No Porto (18-6-50) com vitória do Sul por 5-1 (1.ª parte: 0-1) e arbitragem de Artur Dyson (Lisboa). Alinharam e marcaram: Norte — Gomes da Costa, Correia de Brito, M. Soares, Figueiredo, Ribeiro (1) e Polónia; Sul — Emídio, Raio (2), Edgar e José Henrique. Correia dos Santos (3) e Joaquim Miguel (1).

# CONTINUAM AS HOMENAGENS AOS CAMPEÕES DO MUNDO DE HÓQUEI EM PATINS QUE NO PORTO TVERAM RECEPÇÃO TRIUNFAL

A ida dos vencedores de Milão ao Porto culminou com a décima partida Norte-Sul. Os campeões (em cuja equipa faltaram Jesus Correia e Sidónio) chegaram ao final da primeira parte a perder por 0-1 (golo do veterano António Ribeiro) mas depois do intervalo ressarciram-se, marcando, então, cinco tentos sem resposta. Acerca destas relações hogueísticas Porto-Lisboa faça-se um pouco de história.

Em 10 desafios Norte-Sul, as selecções do Sul ganharam oito vezes (45-15) e apenas uma perderam (5-6) e outra empataram (3-3) com o total, em golos, de 53-24. Nos quatro encontros Porto-Lisboa, que precederam aqueles, registaram-se outros tantos triunfos lisboetas (35-7). No todo, pois, o Sul (ou Lisboa) conta 12 vitórias (60-22) e uma derrota (5-6) além do citado empate (3-3) com o total de golos 88-31. Eis o «calectamento» em síntese:

I — Em Oeiras (18-8-45) com vitória do Sul por 7-4 (1.ª parte: 5-3) e arbitragem de João Melo (Lisboa). Alinharam e marcaram: Norte — Oliveira, António Soares (1), Manuel Soares (1), Ribeiro (1), Velez (1) e Lima; Sul — Pedrora, Raio, Sidónio, Olivério (4), Jesus Correia (2) e Correas (2).

II — No Porto (15-9-45) com vitória do Norte por 6-5 (1.ª parte: 2-3) e arbitragem de A. Virgínia Pereira (Espinho). Alinharam e marcaram: Norte — Oliveira, A. Soares, M. Soares (1), Ribeiro, Velez (1) e Lima (4); Sul — Cipriano, Bernardino (1), Sidónio (1), Olivério (1), Correia dos Santos (1) e Velez (1).

III — No Porto (26-7-47) com vitória do Sul por 6-1 (1.ª parte: 4-1) e arbitragem de Martins Correia (Lisboa). Alinharam e marcaram: Norte — Coelho de Almeida, Correia de Brito, M. Soares (1), Ribeiro, Figueiredo e Santiago; Sul — Cipriano, Lopes (1), Gomez, Olivério (1), Jesus Correia (2) e Correia dos Santos (2).

IV — Em Lisboa (8-11-47) com vitória do Sul por 4-2 (1.ª parte: 2-1) e arbitragem de Armando Velez (Porto). Alinharam e marcaram: Norte — Gomes da Costa, Correia de Brito, M. Soares, Figueiredo (1), Ribeiro (1) e Fernandes; Sul — Cipriano, Raio, Sidónio, Olivério (4), Velez e Lopes.

V — Em Lisboa (6-3-48) com empate de 3-3 (1.ª parte: 2-2) e arbitragem de Romão Santos (Porto). Alinharam e marcaram: Norte — Ramalho, Correia de Brito, M. Soares (1), Ribeiro (2), Figueiredo e Fernandes; Sul — Emídio, Raio, Sidónio, Olivério (1), Jesus Correia e Correia dos Santos (2).

VI — No Porto (8-5-48) com vitória do Sul por 3-2 (1.ª parte: 2-1) e arbitragem de Frederico Peysouneau (Lisboa). Alinharam e marcaram: Norte — Ramalho, Correia de Brito, M. Soares (1), Ribeiro, Figueiredo (1) e Polónia; Sul — Emídio, Raio, Sidónio (1), Olivério (1), Correia dos Santos (1) e Joaquim Miguel.

VII — No Porto (3-4-49) com vitória do Sul por 3-2 (1.ª parte: 3-1) e arbitragem de Frederico Peysouneau (Lisboa). Alinharam e marcaram: Norte — Gomes da Costa, Correia de Brito, M. Soares, Ribeiro, Figueiredo (1) e Santiago (1); Sul — Emídio, Raio, Edgar, Correia dos Santos (2), Velez (1) e Gomez.

VIII — Em Lisboa (7-5-49) com vitória do Sul por 9-1 (1.ª parte: 4-0) e arbitragem de Laurentino Soares (Porto). Alinharam e marcaram: Norte — Gomes da Costa, Correia de Brito, M. Soares, Ribeiro, Figueiredo e Santiago (1); Sul — Emídio, Raio, Edgar, Correia dos Santos (8), Velez (1) e Gomez.

No conjunto das 10 partidas, marcaram-se 77 golos, distribuídos pelos jogadores seguintes: Sul (53) — Correia dos Santos (23), Olivério (12), Jesus Correia, Raio e Velez (4 cada um), Sidónio (2), Alvaro Lopes, Bernardino, Cruzeiro e Joaquim Miguel; Norte (24) — Manuel Soares e Ribeiro (5 cada um), Raul Lima (4), Figueiredo e Santiago (3), Velez (2), António Soares e Correia de Brito. Os elementos com maior número de presenças foram: Correia dos Santos (9), Raio (8), Emídio e Olivério (6), Sidónio e Velez (5) — pelo Sul; Manuel Soares (8), Gomez (5) e Santiago (4) — pelo Norte.

António Ribeiro, o correcto veterano portuense, no conjunto Porto-Lisboa Norte-Sul apenas uma vez (em Janeiro deste ano) não foi chamado à selecção; tem, pois, 13 presenças em catorze jogos, o que é uma performance digna de realce. E também Olivério (nas duas formações), Adrião e Seixas (no Porto).

Antes destas competições, disputaram (Lisboa) não falharam uma vez sequer enquanto estiveram em actividade.

— se quatro desafios Porto-Lisboa, pela ordem seguinte:

I — Em Lisboa (1-8-41) com vitória de Lisboa por 5-2 (1.ª parte: 2-0) e arbitragem de Artur Gomes (Lisboa). Alinharam e marcaram: Porto — Seixas, António Soares, Manuel Soares, Ribeiro, Velez (2) e Aragão; Lisboa — Adrião, Bernardino, Sidónio (1), Olivério (2), Jesus Correia (2) e Sanches.

II — Em Espinho (3-8-41) com vitória de Lisboa por 6-2 (1.ª parte: 2-2) e arbitragem de António Figueiredo (Porto). Alinharam e marcaram: Porto — Seixas, A. Soares (1), M. Soares, Ribeiro, Velez (1) e Aragão; Lisboa — Adrião, Bernardino, Sidónio (1), Olivério (4), Jesus Correia (5) e Leonel.

III — Em Cascais (19-9-42) com vitória de Lisboa por 10-2 (1.ª parte: 4-1) e arbitragem de Domingos Silva (Lisboa). Alinharam e marcaram: Porto — Seixas, Correia de Brito, Gonçalves, Ribeiro (1), Velez e Santiago (1); Lisboa — Adrião, Bernardino, Sidónio (1), Olivério (4), Jesus Correia (4) e Leonel.

IV — No Porto (24-10-42) com vitória de Lisboa por 14-1 (1.ª parte: 7-1) e arbitragem de José Figueiredo (Porto). Alinharam e marcaram: Porto — Seixas, A. Soares (1), Gonçalves, Ribeiro, Velez e Santiago; Lisboa — Adrião, Bernardino (1), Sidónio (1), Olivério (5), Jesus Correia (4) e Leonel.

Com referência a árbitros: somente Peysouneau (Lisboa) e Laurentino (Porto) são repetentes; qualquer deles conta duas partidas dirigidas no seu activo — o lisboeta no Porto (Pavilhão de Cristal) em ambas e o portuense uma em Lisboa (Pavilhão dos Desportos) e outra na sua terra. E, por último, outra curiosidade mais: — o máximo da marcação de golos num desafio (8) pertence a Olivério (IV Porto-Lisboa) igualado por Correia dos Santos no VIII Norte-Sul. Mas enquanto aquele obteve os seus oito tentos num jogo em que se fizeram 14 este marcou-os numa partida apenas com mais um... Olivério, contudo, averbou por três vezes quatro golos: III Porto-Lisboa e I e IV Norte-Sul. Depois dos recordmen figura Jesus Correia — com 6 tentos no III Porto-Lisboa, que é, de igual modo, proeza muito apreciável.

JORGE MONTEIRO

## Com vista ao PORTUGAL-ESPANHA em ATLETISMO

Fornica venceu os 400 m. planos em 49,8 s. e com barreiras em 55,6 s., marcas que nos são inacessíveis; contentemo-nos, em ambas provas, com os 2.º e 4.º postos. O mesmo, em referência aos 1500 m., onde os espanhóis averbaram 4 m. 2,4 s. e 4 m. 14 s., e contentemo-nos com os dois últimos da légua, em face dos 15 m. 1,6 s. e 15 m. 20,6 s. de Coll e Rojo.

Os 800 m. não figuraram no programa do encontro.

Salto: superioridade portuguesa no comprimento, pois o espanhol mais classificado atingiu apenas 6 m, 77; postos intermédios na vara (Cano 3 m, 60 e Rayo 3 m, 30), posições intercaladas no triplo (Navarro 13 m, 96) e inferioridade na altura, com dois espanhóis acima de 1 m, 80.

Finalmente, lançamentos: possibilidades para Manuel Silva no peso, no disco e no martelo (Tories 13 m, 99 e 42 m, 11; Martinez, 42 m, 79), mas nenhuma esperanças para o segundo lançador e derrota completa no dardo (Aplaniz, 61 m, 10).

Faça o leitor as contas e verá que não são favoráveis, no momento. Podemos, porém, melhorar bastante; é função de trabalho e de brío. Ambas coisas na dependência dos nossos atletas.

## AUTOMOBILISMO O GRANDE PRÉMIO DA BÉLGICA

O Grande Prémio da Bélgica, disputado no Circuito de Francorchamps, recentemente beneficiado, alcançou manifestos êxitos.

Juan-Manuel Fangio, o admirável piloto argentino da firma Alfa-Romeu, completou o percurso de 494 Km. 200 no tempo de 2 h. 47 m. 26 s. ou, seja, à média de 177 Km. 0,97.

Em segundo lugar classificou-se Luis Fagioli, da referida casa construtora, à média de 178,850 Km. seguido do francês Luis Rosier, conduzindo uma viatura Talbot.

Farina, Ascari e Villorei, os dois últimos da marca Ferrari, obtiveram os 4.º, 5.º e 6.º lugares a poucos minutos de diferença do brilhante automobilista argentino.

Outro concorrente que distinguu, e francês Sommer, abandonou a prova a pouca distância da meta.

O combate entre os leões e os portugueses de Além-Atlântico, não foi caracterizado por aquela emoção que resuscita dos grandes encontros; em que o público vibra, sofre e dá largas aos sentimentos com exuberância, contentando os jogadores com a exuberância do seu estado de alma. Os primeiros 15 minutos tiveram mais agrado do que os restantes. Embora o futebol desenvolvido não possa classificar-se de excelente, foi todavia aprazível de seguir, pelo apego posto na luta por ambas as equipas, que procuraram o gol com afoiteza.

O Sporting deteve algumas jogadas bem concebidas, em que os seus homens provaram que sabem o que querem e como devem proceder para que a bola seja levada de uns para outros sectores em condições de facilmente ser colocada nos pés do dianteiro a quem compete, pela sua posição, desferir o remate final. A execução dos passes em profundidade, foi característica saliente.

A ligeireza demonstrada pelo quinteto avançado, em sucessivas e rápidas permutas de lugar, deu a espaços boa nota de aplicação sportinguista, perturbando a defesa adversária, que, no entanto, pelo tempo diante se recompôs, deixando de ser manobrada como o foi de início. Travassos, Albano e Jesus Correia tiveram bons momentos e Vasques e Martins secundaram-nos com donaire. Pacheco, não nos impressionou.

A equipa visitante, que pertence à Liga Paulista, é composta de excelentes valores individuais, todos bons dominadores da bola, habilidosos, fisicamente bem constituídos e com claro entendimento entre si. O futebol praticado que é consistente firma-se no dispêndio generoso de energias e na execução pessoal, mas sem aquela firmeza técnica e táctica que impõe um sistema definido, vamos a dizer, um padrão certo que se apercebe, sem esforço, durante o desenrolar da partida. Sem dúvida, melhor o sector ofensivo.

O interior-esquerdo Tuta, impressionou pela aparente facilidade com que girava os lances e sujeitava a bola, numa demonstração inequívoca do trabalho intenso a que se deve ter sujeitado para que os predicados natos fossem aproveitados ao máximo.

De resto, o defesa central e o avançado-centro também

## O "SPORTING" venceu por 2-1 "A PORTUGUESA" DE SANTOS



se salientaram. Em pormenores, todos ou quase todos, deram um ar da sua graça, bem reveladora de perfeita execução individual. O guarda-redes seguro deu confiança à equipa. Em frente das duas balizas, perderam-se imensas oportunidades. A bola rolava de um para outro e outro homem numa progressão bem concebida, até chegar à zona de remate. Ai, um passe a mais, um drible escusado, um pontapé sem direcção, um compasso de espera desnecessário, anulavam inglôriamente todo o esforço produzido.

Por isto mesmo, a magreza do resultado, que não é a expressão do jogo desenvolvido. Continua a verificar-se a já habitual defeituosa maneira de rematar dos nossos. Mas, o mal não é só dos portugueses, porque os estrangeiros também se revelam ineficazes neste capítulo, como nos foi dado presenciar, não só neste encontro, como nos últimos travados no Estádio Nacional.

Na segunda parte, que não deixou saudades, com a equipa visitante reduzida a 10 unidades, por expulsão de um médio que cometera logo de entrada jogo violento, o nível de actuação global baixou, como era natural. Contudo os «leões» não souberam explorar o facto e durante todo o tempo o marcador não funcionou.



Em cima — O grupo da «Portuguesa» de Santos no relvado do Estádio José Alvalade. Em baixo: A troca de lembranças entre os dirigentes brasileiros e sportinguistas.

Assistiu-se a um futebol confuso e monotono com a bola muito pelo ar e sucessivas paragens provocadas por faltas, resultantes de «choques» na sua quase totalidade provocadas pelos «antistas». A vitória leonina é justa e com ela o património clubista foi enriquecido com mais uma taça. Os aficionados não tiveram, como espectáculo de final de época, um prélio que os entusiasmasse. Só de quando em vez se ouviram aplausos e incentivos com aquela convicção e calor, que são afinal o aliciente do futebol. Agora até daqui a dois meses.

### PITTA CASTELEJO

... e Vasques fez assim o primeiro gol do Sporting.



Casimiro, Eduardo Silva, Artur Dias e Paquete, constituiram a equipa da estafeta olímpica que, além de ter feito uma prova estupenda, bateu o recorde de Portugal.



Lourenço teve um magnífico «sprint» e triunfa nos 3.000 metros.

Manuel da Silva ganha muito bem o lançamento do peso — 19,90 m.



O médio Serrano transpõe 1,79, ganha e salto em altura.



No final das provas, as duas equipas. Alvaro Dias, chefe da Seleção de Lisboa, ostenta orgulhoso a taça conquistada.

## LISBOA VENCEU MADRID por 62-45 em ATLETISMO



Alvaro Dias confirmou ser o recordista do salto em comprimento: 7,25 m.



O espanhol Cortazar ganha os 800 metros — 2 m. 0,35.



Artur Dias nos 400 metros obtém boa vitória e faz 51,5 s.



Luis Alcide, Cameira e os espanhóis Toba e Yraola lançam-se na corrida dos 110 m. barreiras, que o primeiro ganhou em 15,9s.



# O SPORTING CLUBE RIO SECO

(Continuação de página 12)

Olhamos as duas aulas da sede, as das pequenas estão num edifício anexo, vemos aquela pequena toda, atenta às professoras agora, chilreando e irrequieta de pois, quando só a hora do recreio, debruçamo-nos sobre os mapas descriptivos das receitas e despesas e de todo este conjunto sentimos sinceramente a importância e a boa vontade destes dirigentes — verdadeiros amadores de uma obra que é enorme de significado e valor dentro de um clube que é pequenino e tão modesto.

Belo exemplo. Como esta e tantas outras colectividades precisam de receber a visita — sem motivo na sessão solene de aniversário — dos srs, Presidente da Câmara Municipal, Governador Civil, Director Geral dos Desportos!

Cento e quatro contos foi o movimento registado em 1949. Pense-se um pouco o que este movimento representa num clube como o do Rio Seco e com as suas responsabilidades. Mas continuam alegres, satisfeitos os seus dirigentes e todos os sócios.

— Fazemos tudo, suportamos todos os sacrifícios para bem das nossas escolas, agora com a frequência de 200 alunos.

Passamos por uma outra sala, a «Biblioteca Ferreira de Castro», 1.200 volumes e uma actividade constante em organizações culturais. Ainda recentemente proporcionaram aos seus associados uma exposição de divulgação de artes plásticas. Ali se expuzeram quadros, gessos e maquetes de vários artistas. E por aí fora sempre em actividade prestigiando uma ideia e um clube no qual existe certo ambiente familiar, com casos interessantes como este: na gerência de 1949 dos 9 elementos da direcção 6 tinham sido alunos das escolas do Rio Seco!

Os pequenos das escolas vivem a par das suas aulas a vida do clube. Têm um grupo cénico e jogam o basquetebol. Há pouco terminou o seu torneio no qual se disputou a taça «A. B. C.».

E de desporto?, pergunta o leitor.

Sim senhor. O Sporting Clube Rio Seco mantém boa actividade. Em tempos teve a sua secção de futebol. Período de apreensões e de responsabilidades. E, ao fim e ao cabo, os dirigentes do Rio Seco viam fugir-lhes aqueles que haviam dentro do clube conquistado valor denunciando em jogo a sua habilidade e intuição. De uma vez eram seis os elementos que abandonavam o clube. Foi o fim. Nunca mais o futebol entrou nas actividades desportivas do Rio Seco.

Viejo o basquetebol preencher, e por forma prestigiosa, a sua fal-

ta. Até hoje esta modalidade tem oferecido ao clube triunfos admiráveis apoiados em exhibições magníficas dos seus basquetistas. Presentemente o grupo de honra do Rio Seco está em posição de relevo. Depois de se fixar na 1.ª Divisão, em cujo torneio conquistou 9 vitórias e 1 derrota nos 10 jogos da sua série, o Rio Seco jogou o desafio de apuramento com os Empregados de Comércio, de Santarém.

Vai agora à final da II Divisão do Campeonato Nacional em jogo com o Sporting.

Como se vê a vida desportiva do simpático clube decorre em bom ritmo, fortalecendo-se na modalidade que o clube preferiu praticar e à qual Manuel Quarresma dedica todos os seus conhecimentos, insistindo, com bons resultados, pelo aperfeiçoamento e melhoria técnica dos seus pupilos.

Além destes os juniores estão igualmente em franca actividade continuando, como tem acontecido, a ser produtivo viveiro de jogadores de basquete para o S. C. Rio Seco.

E segue assim a vida do Sporting Clube Rio Seco.

Aspirações? Decerto. Muitas. Naquela terreno da sede que belíssimo e útil ginásio se construíra. Mas como? Tanta vez têm olhado para aqueles metros de terreno para ali quase abandonados. Pelos seus olhos passa a visão do que isso poderia ser, para os seus atletas, para aqueles 200 miúdos das suas escolas. Deitam contas à vida, mas encolhem os ombros num gesto de desânimo. Não pode ser: Impossível.

Abandonámos o clube mais uma vez agradavelmente impressionados com o seu trabalho, excelentemente produtivo e dignificante no desporto e na vida social.

FERNANDO SA

## OS NOVOS ARBITROS CHEGAM AOS CAMPOS DE HELICOPTERO



RECENTEMENTE, num desafio realizado em Copenhague, entre a equipa nacional amadora inglesa e uma selecção daquela cidade, o árbitro que era sueco, e, pelos vistos, ultra-moderno, dirigiu-se directamente ao terreno de jogo utilizando um helicóptero!

Quem sabe se num futuro próximo os encontros não serão dirigidos pelos árbitros, utilizando o helicóptero, que, sobrevoando o terreno durante todo o desafio, poderão desta forma observar muito melhor todas as faltas cometidas pelos jogadores. E livrar-se de muitos dissabores. Resta apenas saber que espécie de apito é que ele vai utilizar para ser ouvido. Talvez uma sirene monstruosa...

# CAMPEONATO DO MUNDO EM FUTEBOL

(Continuação da página 16)

Na fase final da taça «Jules Rimet» tomam parte equipas de 13 países — repartidas por quatro grupos: I (Brasil, Jugoslávia, México e Suíça); II (Chile, Espanha, Estados Unidos e Inglaterra); III (Itália, Paraguai e Suécia); e IV (Bolívia e Uruguai). Os jogos disputam-se em seis cidades: Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e S. Paulo. E as partidas entre brasileiros, jugoslavos e suíços, assim como de espanhóis com ingleses e dos italianos contra os suecos, são, sem dúvida, as de maior curiosidade. Os nossos irmãos de além-Atlântico têm mesmo (e não escondem sequer as suas apreensões) um caso difícil no sábado, dia em que, no Rio de Janeiro, defrontam a Jugoslávia.

Quem vencerá o grande torneio? É prematura qualquer hipótese, porquanto, regra geral, os prognósticos, em matéria futebolística, são quase sempre falíveis; e há, também, que atender aos habituais simpatizantes do jogo, pois às vezes — uma simples casca de laranjas é o suficiente para fazer ruir ilusões. Confie-se, porém, que o novo campeão do Mundo (se a Itália não for capaz de arrancar terceiro triunfo consecutivo!) será certamente o melhor — favorito! Afigura-se-nos que, talvez, a Itália (vencedor em 1934 e 38), o Uruguai (primeiro campeão; em 1930), a Suécia (campeã olímpica), a Inglaterra (Rainha do Futebol), o Brasil (por jogar em casa...) e a Jugoslávia são as equipas que reúnem maior número de possibilidades. Em qualquer das circunstâncias, no entanto, é quase certo que um país europeu será finalista.

Primeiros resultados e o resto do calendário

O IV campeonato do Mundo forneceu os seguintes resultados:

Sábado:	
Brasil-México .....	4-0
Domingo:	
Espanha-Estados Unidos...	3-1
Inglaterra-Chile .....	2-0
Suécia-Itália .....	3-2
Jugoslávia-Suíça .....	3-0

A prova continua hoje: em Porto Alegre defrontam-se a Jugoslávia e o México; e em S. Paulo joga o Brasil com a Suíça. Amanhã disputam-se mais três desafios: Chile-Espanha (no Rio de Janeiro), Estados Unidos-Inglaterra (em Belo Horizonte) e Paraguai-Suécia (na Curitiba). Sábado, no Estádio municipal do Rio de Janeiro, o Brasil defronta a Jugoslávia, num dos desafios mais ardentemente desejados. E, finalmente, no domingo: Bolívia-Uruguai (em Belo Horizonte), Chile-Estados Unidos (no Recife), Espanha-Inglaterra (no Rio de

Janeiro), Itália-Paraguai (em S. Paulo) e México-Suíça (em Porto Alegre).

Uma curiosidade que interessa especialmente aos portugueses: na equipa dos Estados Unidos alinham quatro compatriotas nossos. Fixemos-lhes os nomes: Carlos Colombo, Eduardo Sousa, João de Sousa e Roberto Assis. E também figuram um dirigente (Alfredo Neto) e um árbitro (Prudêncio Garcia).

## Os três Torneios anteriores

Disputaram-se três campeonatos de Mundo — que foram os seguintes:

I — (1930 — em Montevideo) — Concorrentes: 13. Classificação das eliminatórias: 1.º grupo: 1.º Argentina; 2.º França; 3.º Chile; 4.º México. 2.º grupo: 1.º Jugoslávia; 2.º Brasil; 3.º Bolívia. 3.º grupo: 1.º Uruguai; 2.º Peru; 3.º Roménia. 4.º grupo: 1.º Estados Unidos; 2.º Bélgica; 3.º Paraguai. Nas meias-finais, a Argentina bateu os Estados Unidos e o Uruguai derrotou a Jugoslávia, sendo decisivo o gol ganho pelo Uruguai (4-2) alinhando os primeiros campeões do Mundo com: Balestreato; Mascheroni e Nazziari; Andrade, Fernandez e Gestide; Dorado, Searone, Castro, Cea e Iriarte.

II — (1934 — em Itália) — Concorrentes: 29. Não passaram das eliminatórias os treze países seguintes: Bulgária, Cuba, Estónia, Grécia, Haiti, Irlanda, Jugoslávia, Lituânia, Luxemburgo, México, Palestina, Polónia e Portugal. A competição principal forneceu os resultados seguintes:

Quartas de final — Alemanha-Bélgica, 5-2; Austria-França, 3-2; Checoslováquia-Roménia, 2-1; Espanha-Brasil, 3-1; Hungria-Egipto, 4-2; Itália-Estados Unidos, 7-1; Suécia-Argentina, 3-2; Suíça-Holanda, 3-2. Quartos de final: Alemanha-Suécia, 2-1; Austria-Hungria, 3-1; Checoslováquia-Suíça, 3-2; Itália-Espanha, 1-1 e 1-0. Meias-finais: Checoslováquia-Alemanha, 3-1; Itália-Austria, 1-0. Final: Itália-Checoslováquia, 2-1 (no tempo regulamentar 1-1). A equipa vencedora era formada por: Combi; Monzeglio e Allemanni; Ferrari, Mosti e Bertolini; Guaita, Meazza, Schiavio, Ferraris e Orsi.

III — (1938 — em França) — Concorrentes: 27. Não passaram das eliminatórias (isentas a França e a Itália) as doze nações seguintes: Austria, Bulgária, Estónia, Finlândia, Lituânia, Luxemburgo, Palestina e Portugal. Resultados do torneio maior:

Quartas de final — Brasil-Polónia, 6-5; Checoslováquia-Holanda, 3-0; Cuba-Roménia, 3-3 e 3-2; França-Bélgica, 5-1; Hungria-Índias Holandesas, 6-0; Itália-Noruega, 2-1; Suécia-Alemanha, 1-1 e 1-0. Quartos de final: Brasil-Checoslováquia, 1-1 e 2-1; Hungria-Suíça, 2-0; Itália-França, 2-1; Suécia-Cuba, 3-0. Meias-finais: Itália-Brasil, 2-1; Hungria-Suécia, 6-1. Final: Itália-Hungria, 4-2. Os italianos, novamente campeões, apresentaram: Olivieri; Foni e Rava; Straton, Andreolo e Locatelli; Bionetti, Meazza, Piola, Ferraris e Colaussi.

# ARCADIA

DANCING DE LUXO

VARIEDADES às 0,30 e 2,15

## EXITO ESTRONDOSO DO BALLET MONTENEGRO

---

Mary Mely — Herm. Goyescas — Herm. Avila  
— Adoracion Reys — Herm. Baron — Luita Royo  
— Perla de Levante — Mary Arilla

---

DUAS ORQUESTRAS

## Nocturnos e Arcádia

# Os corredores belgas em Lisboa

(Continuação da pág. 13)

distingua a perseguir. Depois, não aguentou a cadência imposta por Fernando e Luciano Moreira de Sá.

Plisemos esta anotação, no decurso da conversa. E o sr. José Saura esclareceu logo:

— Compreende-se. É o peso dos anos. E estranhou as pistas de terra, por estar acostumado a correr em pistas de cimento ou madeira.

E o conhecido «manager» acrescentou, ainda: que Buysse não tem formado normalmente par com Brunell; e que o prestígio internacional se tem feito à custa de seu tio, Lucien Buysse, e de seu pai, também Albert Lucien Buysse, foi, de facto, um grande corredor. Ganhou a «Volta a França» de 1926, classificou-se em segundo na prova de 1925, e em terceiro em 1913 e 1924, com um intervalo que corresponde à grande guerra de 1914-1918, durante a qual a Bélgica esteve invadida militarmente.

## Brunell é um dos melhores corredores do mundo em «americana»

Achilles Brunell é mais novo, apenas 30 anos e tem melhor historial.

Pelo seu valor, é conhecido, nos meios internacionais, pelo título do «Rei das Americanas», forma, com Schulte, holandês, o grupo dos dois melhores corredores de «americana», em todo o mundo. E o que vale, para dar emoção, as grandes organizações da especialidade, é que não correm juntos. A sua rivalidade é em toda a parte, um motivo de atracção. Schulte forma equipa com Peters, também holandês. Brunell corre em geral com Gui Lapebie, grande estradista francês. Nos «Seis dias de Paris a Viena», disputados há pouco tempo, a ordem de classificação foi: 1.º Schulte e Peters; em segundo, Brunell-Gui. Para os «Seis dias de Antuérpia», Brunell allinou com Steenbergen, campeão do mundo de fundo (estrada) em 1949, conquistando um belo triunfo.

A uma nossa pergunta sobre as im-

pressões de Burnell acerca das provas que fizeram no Porto e em Lisboa, as respostas dele e de Buysse não divergem daquilo que constitui a opinião de Vauru:

— Estão habituados a correr em pista de cimento e madeira e com outras dimensões. Em Barcelona, de onde vieram, e para onde voltam hoje, as pistas são de cimento e madeira, e são mais pequenas, geralmente entre 200 a 350 metros, embora tenhamos uma com 800. Estranham a pista. E, para os primeiros festivais, não tiveram tempo para adaptação.

## As opiniões dos visitantes acerca de Portugal e dos seus corredores

A impressão geral é de agrado por tudo — país, duas cidades, público e corredores. Estão ambos satisfeitos, apenas talvez um pouco aborrecidos com o seu destino em pistas de terra batida. Entre o Lima e o Lumiar, consideram melhor a pista do estádio cenequino. O episódio é melhor, esclareceram.

De todas as equipas com que se defrontaram, à data que escrevemos, destacaram a que formada pelos dois irmãos Fernando e Luciano Moreira de Sá no Futebol Clube do Porto. Entendem-se bem e são muito «duros».

Individualmente, distinguiram três corredores entre os portugueses, pelo modo que segue: Onofre Tavares, o mais rápido; Fernando Moreira, o mais inteligente; e João Lourenço, ainda um grande corredor de pista. Fernando Moreira mereceu, a Sauro, referências francamente elogiosas.

A entrevista alargou-se um pouco. E o espaço escasseia. Há, pois, que pôr ponto final. A José Saura, que soube ser amabilíssimo para com a «Stadium», agradecemos, entretanto, a maneira como nos recebeu. Mas devemos agradecer também aos srs. Armando Rodrigues e Manuel Dias, que dirigem a secção de ciclismo do Sporting, as facilidades que nos dispensaram.

# O 2.º Portugal-Espanha entre trabalhadores

MADRID — Junho — Madrid recebeu-nos com a sua graça e beleza mas envolveu num calor sufocante. O ambiente para este segundo encontro desportivo entre os trabalhadores das duas nações foi o mais entusiástico. Fomos recebidos com magníficas provas de cortesia e entre os representantes da «Educação y Descanso» e a F. N. A. T. cimentaram-se mais e melhor os laços de uma camaradagem sã entre gente que trabalha.

Depois do 1.º Portugal-Espanha, disputado no ano passado no Estádio Nacional, os trabalhadores espanhóis dedicados ao desporto, entraram por certo numa preparação intensa e proveitosa, é certo, com vista ao segundo encontro. Isso lhe deu um amplo triunfo em todas as provas, se bem que os representantes do desporto corporativo português se houvessem dignamente em todas as provas disputadas.

O primeiro contacto entre os representantes desportivos de Portugal e Espanha foi na sexta-feira. O «Fronton de Ricoletos» estava lindamente engalanado. Ali se defrontaram primeiro as equipas femininas de basquetebol, as da «Casa Garcia e Vives» e da C. U. F., do Barreiro.

Triunfaram as simpáticas espanholas por 46-2, com 23-2 ao intervalo. Vitória justa, pela su-

perioridade demonstrada e melhor técnica. Tem no entanto de se ter em linha de conta que o basquetebol feminino é largamente praticado em Espanha.

No basquete masculino, também os espanhóis triunfaram — 53-19, com 31-5 ao intervalo. Também neste encontro os espanhóis foram superiores, mas já então receberam resposta condigna por parte dos nossos representantes, o grupo da Carris de Ferro.

Em futebol a Empresa Girod venceu H. Vautier, por 3-1. Melhor no primeiro tempo os espanhóis receberam na segunda parte activa e enérgica resposta do grupo português construindo ocasiões magníficas de golo mas para os quais faltou sempre o imprescindível remate.

Também no ciclismo a vitória pertenceu aos espanhóis. Foi o madrilenho Amadeo Suarez o triunfador que se revelou um ciclista de boas qualidades. O segundo lugar pertenceu a José Tavares da Silva dos C. T. T.

No conjunto de todas as provas, apesar das vitórias não nos terem pertencido, os representantes do desporto corporativo português deixaram muito boa impressão, agradando pelo seu espírito combativo e pelo desportivismo que puseram em todas as provas.

# CICLISMO

A semana anterior, designado por este modo, para o nosso jornal, o período compreendido entre dois números sucessivos na colecção da «Stadium», teve por fulcro de actividade a realização de dois festivais de pista, com dois corredores belgas Albert Buysse, já um tanto gasto pelo correr dos anos, Brunell, um dos melhores corredores de «americana» em todo o mundo. O desequilíbrio de recursos atléticos, ou de novidade entre os dois, e por ventura a sua falta de adaptação a pistas de terra batida, não permitiram que o nível das exhibições correspondessem à expectativa.

Em duas jornadas, e para cinco provas, ganharam apenas, ainda que bem, a segunda americana, de uma hora, à média apreciável de 40,517, com o Benfica A em segundo, no mesmo número de voltas; na primeira, de um princípio com superioridade nos «sprints», não aguentaram a cadência de fuga imposta pelos irmãos Moreira de Sá, do Porto, vencedores da Hora e Meia a uma média lisonjeira, 40,932. Perderam na perseguição por equipas de dois, e num critério de 10 voltas. E Buysse foi o primeiro a sair, na eliminação. E' realmente pouco — como balanço.

Por parte dos portugueses, além da brilhante vitória do Porto na «americana» de há uma semana, devemos destacar Felix Bermudez, entre os independentes, e Américo Raposo, no grupo de amadores. Bermudez ganhou três provas e teve companheiro fraco em Mário Fázio nas duas «americanas», não podendo brilhar. Américo Raposo revelou excelente disposição para corredor de pista: venceu três provas, num conjunto de quatro, e e formou equipa com José Trindade na outra corrida, que os dois ganharam com brilhantismo. A luta Sporting-Benfica animou extraordinariamente o programa de amadores. O filho de José Trindade teve excelente estreia, em provas de pista.

E já que a falta de espaço nos obriga a simples anotação de sítios, registando, ainda, neste resumo de movimentação no ciclismo nacional, a dupla vitória do Benfica no Circuito de Moscavide, com Eduardo Nicolau em primeiro lugar na classificação individual, e o triunfo brilhantíssimo do Sporting, no «Circuito das Sete Milhas», com Mário Fázio em vencedor e primeiro lugar entre as equipas.

M. de O.

# AUTOMOBILISMO

Iniciamos neste número uma série de artigos com a indicação das principais características dos automóveis utilitários mais populares no nosso país, para elucidação e apreciação dos nossos leitores. Dado o resultado, verdadeiramente surpreendente, da prova realizada em Abril último, em Long Island E. U. A., na pista de Westhampton, em que um AUSTIN «A 40», de fabricação inglesa de série, percorreu mais de 1.600 quil., a uma média de 105 quil. à hora, prova e apreciação dos nossos leitores, a força e a resistência dessa famosa marca de que J. J. Gonçalves, Suers., com stand em Lisboa, na Rua Alexandre Herculano, 2 a 4, são distribuídos para Portugal.

As linhas modernas das suas carrocerias, sóbrias mas elegantes, são de uma fina concepção. Espaçosas e de máxima resistência e comodidade, são inteiramente construídas em chapas de aço, constituindo uma só peça, perfeitamente isoladas contra os incómodos ruidos, causados pela vibração da chapa, e, possuem ainda uma caixa para bagagens que, em caso de necessidade, pode ser ainda amplificada pela própria tampa, que, constitui um resistente porta-bagagens.

O AUSTIN «A 40» cuja suspensão dianteira é do sistema de rodas independentes com molas helicoidais, e trazeira de molas compridas semi-elásticas equipadas ainda com amortecedores hidráulicos de duplo efeito, que asseguram a sua comodidade e estabilidade perfeitas.

O seu motor, de pequeno consumo mas de rápida aceleração e comprovada resistência, é de 4 cilindros de 85 x 48 mm. com a capacidade de 1.200 c. c., com válvulas à cabeça de aço especial para resistir ao calor e anti-corrosivas, desenvolve 40 H. P. a 4.300 r. p. m. e é apoiado em calços de borracha, tendo ainda uma barra de torsão anti-vibração.

A direcção é de tipo especial e de eixo excêntrico com largo ângulo de viragem.

O sistema de travões, de comprovada

eficiência, é, hidráulico às rodas dianteiras e mecânico às trazeiras, ambas da conceituada marca inglesa «Girling».

Qualquer que seja o tipo da carroceria, são os AUSTIN «A 40» equipados com resistentes rodas de disco com pneus 5,25-16.

São estas as principais características do «A 40», e, oportunamente nos referiremos aos outros modelos, fabricados pela Fábrica AUSTIN, e não menos populares, como sejam o «A 70», «A 90», e, bem assim à sua vasta gama de variantes para serviços pesados, desde a ligeira fourgoneta ao camion de grande tonelagem.

# Natação internacional

(Continuação da pág. 5)

O Poseidon allinou com Bid-drick, Hotz, Fricke e Klein, obtendo 4 m. 27 s.. O S. A. D. apresentou Barbeiro, Madeira, Borja e Perdigo, creditando-se de 4 m. 27,2 s.. Acrescenta-se, também, que a marca alcançada pela equipa do S. A. D. é novo recorde nacional de juniores.

Os 5x33 metros-livres, que encerram o programa das provas de natação pura, proporcionaram excelente e emotivo duelo. Ao fim e ao cabo, as duas equipas tocaram simultaneamente, numa prova, realmente, arrebatadora.

Fricke, Nielsen, Hotz, Bid-drick e Klein nadaram pelo Poseidon. O S. A. D. correu com Surgey, Vole, Barbeiro, Madeira e Borja. Ambas as equipas obtiveram 1 m. 33,6 s..

ABREU TORRES

"Stadium" visita os clubes populares

## O Sporting Clube Rio Seco

continua a sua esplêndida actividade desportiva e das suas duas escolas de instrução primária



Os juniores de basquetebol do Rio Seco

**A** obra social das colectividades de desporto é dos aspectos mais agradáveis com que topamos ao visitarmos estes clubes populares, aconchegados na rua modesta de um bairro, vivendo a sua actividade digna e altamente proveitosa para a sociedade.

De todos, sem menosprezar cada um, o Sporting Club Rio Seco leva a palma, palma de ouro, que sendo motivo de orgulho para os seus associados constitui para nós motivo de respeito e de muita simpatia.

Através de todos os sacrifícios, sofrendo as tantas conseiras que forçosamente existem nestas condições, o Rio Seco mantém há anos dentro da sua sede duas escolas de instrução primária!

Bellíssima iniciativa, caminhando e valorizando-se, ano após ano, arrostando com sacrifícios de toda a



A equipa da 1.ª categoria vencedora da Série A do Nacional da 2.ª Divisão

ordem, conseguindo quase realizar o impossível. E no entanto há 18 anos, consecutivos, que merec desta carinhosa e altruísta iniciativa, o Rio Seco vê com alegria formarem-se para a vida rapazes e raparigas, saindo daquelas salas de um modesto clube com o pergamino valioso que vale uma fortuna sem par: o exame de instrução primária.

\*\*\*

O bairro da Ajuda é enorme. Principia na Calçada da Tapada e termina na Cruz da Pedra abrangendo vastíssima área. Cá em baixo é o sítio do Rio Seco e nele surgiu há 32 anos o clube, e nele começaram suas reuniões os homens do sítio e se foram gastando horas em ameno passatempo.



Os nenunos das escolas do Rio Seco têm o seu grupo cénico. Ei-los na marcha

## A REGATA AS BERLENGAS

Entre Belém-Berlengas-Belém disputou-se mais uma vez esta regata oceânica para disputa do trofeu «Salazar». A nossa foto mostra um momento da largada dos iates dos iates



Maria Virgínia Santos, da Académica da Amadora, é a Rainha do Patim — assim justo prêmio às suas excelentes qualidades de patinadora e de entusiasta pela modalidade. Maria Virgínia sentada no seu trono de Rainha do Patim está rodeada pelas outras concorrentes: Maria Alice Ferreira, Natália Maria, Helena Matos e Maria Conceição Rodrigues.

Norteava-os a divisa base do seu clube: Instrução, Cultura, Recreio e Desporto. Por esse tempo existia no bairro numa escola oficial de instrução primária. Amadureceram-se ideias, criou-se entusiasmo pela iniciativa e o Sporting Clube Rio Seco deu começo às suas escolas — uma para rapazes outra para raparigas. De então para cá têm sido centenas os alunos — só filhos dos sócios — que receberam os benefícios dessa iniciativa.

Percebermos um dia destes as dependências do Rio Seco. Acompanharam-nos alguns directores, rapazes novos vivendo desde garotos a vida do clube do seu bairro, Teodólio Correia, o secretário geral, Acácio Modesto, mais alguns e uma figura simpática ao clube, acompanhando com a sua experiência os rapazes, o seu presidente da Assembleia Geral sr. Francisco Nunes Mendes — 23 anos consecutivos de dedicado trabalho à colectividade.

O entusiasmo pela obra do Rio Seco é o de sempre. Tudo à sua custa. É a cotização, são festas, as representações do seu grupo cénico, tudo o mais que é possível, angariando os fundos necessários para que as suas escolas continuem o caminho há anos iniciado.

(Continua na página.)



PARA  
TRABA-  
LHADO-  
RES



1 — O futebol corporativo foi representado pelo grupo da Casa H. Vaultier jogando com o grupo da Empresa Girad. 2 — Coube ao grupo da Companhia Carris de-



frontar em basquetebol o grupo do Grémio dos Panaderos. — 3 — O grupo feminino da C. U. F. do Barreiro jogou em Madrid com o da Casa Garcia e Vives.



— 4 — A equipa de Ciclismo dos Correios, Telégrafos e Telefones. — 5 — Os ciclistas da Fábrica Cimento Tejo. — 6 — A equipa da Casa de Pessoal da Sevil. Estes fo-



ram os ciclistas portugueses que em Madrid disputaram a prova de ciclismo no segundo encontro entre trabalhadores portugueses e espanhóis.

CICLISMO

Achilles Brunell  
e Albert Buysse

os excelentes corredores belgas de pista

estão satisfeitos com o acolhimento recebido e têm estranhado as pistas de terra

A GRADA sempre vê em acção atletas de fama internacional. Os nomes de Achilles Brunell e Albert Buysse, que têm corrido frequentemente no estrangeiro, provocaram, no Porto e em Lisboa, grande expectativa. Se é certo que a sua exibição não correspondeu em absoluto, ao que se podia esperar da sua categoria, a verdade é que nem por isso Brunell deixou de afirmar a sua classe, sobretudo, para o festival de Lisboa, nos «sprints» da primeira parte da «americana». Dentro de aquilo que é tradicional na «Stadium», quisemos, por isso, registar, nas nossas colunas, as notas biográficas mais salientes e algumas declarações de ambos. E foi-nos distribuído esse encargo.

Para o fim em vista, constituiu facilidade ser seu «manager» José Vaura, técnico espanhol que é um bom amigo de Portugal, a ele se devendo grande parte do inter-câmbio luso-espanhol dos últimos anos. Exposto o que se pretendia, colocou-se amavelmente ao nosso dispor. E não houve demora na preparação do encontro, nem do ambiente. Brunell e Buysse têm estado em Barcelona. Vaura conheceu-os bem. Não foram precisas mais apresentações.



Achilles Bruell e Albert Buysse

Alberto Buysse e a sua carreira em pista

É o mais velho, na equipa que se deslocou a Lisboa. Tem 38 anos e reside em Gans. A sua carreira tem-se limitado, a bem dizer, a provas de pista; e, nesta modalidade, dedicou-se especialmente, a provas «americanas». Até agora, conta, no seu historial, 54 corridas de «seis dias», em todo o mundo. E já entrou quatro vezes nos «Seis dias» de Nova Iorque. É um homem endurecido pelo ritmo dos esforços prolongados, na sucessão de dias. Neste geito disputou a «Americana» do dia 22. Enquanto o andamento se manteve em aceleração, Albert Buysse foi, entre os dois belgas, o que se

(Continua na página 11)

HIPISMO

“NOCIVO”, GANHOU EM EVORA O «GRANDE PREMIO»

EVORA teve este ano um grande Concurso Hípico — grande no valor dos prémios, na execução do programa, no número de concorrentes e ainda no ambiente de entusiasmo que fez criar a sua volta. A valorizar-lhe o programa há ainda a acrescentar a presença de sete cavaleiros espanhóis, com alguns cavalos de fama, entre os quais figurou «Sattirico» que o público de Lisboa já conhece e foi este ano vencedor da «Generalíssima», no Concurso Internacional de Madrid.

A última jornada está a desenrolar-se à hora da «Stadium» entrar na máquina, pelo que hoje só nos referiremos às primeiras provas disputadas sem lhe respeitarmos a ordem, para que se indique em primeiro lugar a brilhante vitória de «Noevo» no «Grande Prémio», conduzido pelo tenente Carlos Granate.

Já há algum tempo que vinhamos pondo em relevo as qualidades deste alter, cujas classificações chamaram para ele as atenções gerais.

Em 1949 venceu, triunfando nas «Nacionais» de Cascais e Caldas e na prova «Câmara Municipal de Cascais» e, já esse ano, em três «Potes» da S. H. P. e na «Nacional» de Lisboa.

A sua primeira grande vitória surgiu agora em Evora, no «Grande Prémio», prova máxima do certame, disputada num percurso bastante difícil, que cobriu sem faltas.

O tenente Carlos Granate deve estar satisfeito com o comportamento do seu promotor Alter.

A «Omnius» proporcionou mais uma vitória a «Mondina», montada pelo capitão José Carvalhosa — a terceira neste começo de época o que indica, sem dúvida, a boa forma da égua e a regularidade do conjunto.

As provas para cavalos sem «handicaps», foram ganhas pelo tenente Brandão de Brito, no «Diamante» e alferes Rodrigues Mano, no «Formigos».

Pela primeira vez na história do nosso hipismo contou-se com a inscrição de um oficial general — o brigadeiro da aeronáutica Anselmo Vilarinho.

No próximo número seremos referência às duas últimas jornadas do vasto programa com que a cidade de Evora serviu o desporto hípico este ano.



O tenente Carlos Granate no...

ANTAS TEIXEIRA

# na capital do NORTE

## A CIDADE DO PORTO

continua a pensar com firmeza no seu estádio!

FOI no dia 8 de Dezembro...

Os vastíssimos terrenos das Antas, zona da cidade de surpreendente urbanismo encheram-se totalmente de desportistas de arregaçada fé e fervor baarrista.

O sr. ministro das Obras Públicas, eng. José Frederico Ulrich, acompanhado do Director Geral de Urbanização, eng. Sá e Melo e do Subsecretário da Educação Nacional, dr. Veiga de Macedo, vieram à cidade Invicta expressamente para a presença, honrosa e dignificante a todos os títulos, atear a fé inatacável dos desportistas portugueses pelo seu estádio.

Estamos ainda a ouvir Sua Excelência o sr. engenheiro José Frederico Ulrich, emoldurado por uma multidão vibrante, a confessar-se muito honrado num próximo futuro, em vir proceder à inauguração do estádio do F. C. do Porto.

A fé e a esperança encheram completamente os corações daqueles milhares de pessoas que, por voto próprio se concentraram nos terrenos das Antas para ouvir as palavras e assistir ao acto do lançamento simbólico da primeira pedra, realizada pelo notável ministro. E desde então, já pela realidade dos factos traduzida nas obras em curso, já pela crença iniludível que as palavras daquele membro do Governo criou, milhares de desportistas portugueses que há pouco mais duma semana encheram jubilosos o Estádio «28 de Maio» em Braga aguardam ansiosos o seu dia grande.

A ansiedade é uma virtude humana e um precioso elemento para trabalho vigoroso...

Há muitos e muitos anos que o estádio do F. C. do Porto vive no pensamento de milhares de pessoas e é ideia firme de vários desportistas que passaram pelos cargos directivos daquele importante clube. O trabalho insano e ignorado sempre desses batalhadores de ideias encontrava poderosos obstáculos, irremovíveis na sua maior parte, para a realização do seu objectivo. Viveu-se horas altas de fé e momentos cruéis de desalento no desbravamento do caminho que conduz à maior aspiração dos desportistas portugueses.

A pouco e pouco os obstáculos foram caindo. Eram vontades firmes, que batalharam sempre, independentemente de críticas e referência.

O silêncio era o seu prémio melhor. Essa força inabalável nascida há alguns anos chegou ao conhecimento dos governantes.

E na gerência da presidência do dr. Miguel Pereira a ideia tomou uma realidade decisiva, confirmada pela presença do sr. Ministro das Obras Públicas no auto inaugural da 1.ª fase das obras para o estádio do F. C. do Porto. E as obras começaram... Grandes escavadoras desbravam os terrenos e a obra traçada por mão firme e convicção inabalável segue o seu curso normal, dentro do tempo estabelecido.

A cidade do Porto também terá o seu dia! Os desportistas portugueses aguardam-no com ansiedade, com fé e com esperança. As palavras do ilustre titular da pasta das Obras Públicas perdurarão em todos os desportistas portugueses até ao dia em que numa apoteose a multidão vibre intensamente a realidade da sua aspiração maior.

Entretanto, continuaremos a batalhar e a querer que o sonho se transforme. Não é demais insistir. Não é demais lembrar a obra. O Porto precisa dela e há-de saber conquistá-la!

Estamos certos de que já faltou mais tempo... A obra, como dissemos, segue o seu curso e a pouco e pouco a grandiosidade do estádio do arquitecto Oldemiro Carneiro vai nascendo dos terrenos verdejantes das Antas.

Entretanto que todos os desportistas portugueses tentem trocar a ansiedade de que estão possuídos pela esperança duma realidade.

### O ACADEMICO REFORÇA-SE COM BERNARDO RUIZ

Deve encontrar-se já no nosso país o ciclista espanhol Bernardo Ruiz, considerado um dos melhores valores da Espanha. Com este estradista, pode dizer-se que contará o Académico com um conjunto valeroso, visto já possuir nas suas fileiras Serra e Capot, e ainda alguns nacionais valerosos, com Trigueira, Cardoso, Manuel Pereira, etc.

Como se verifica, os clubes preparam-se para a próxima «Volta». A «coisa» vai ser falada...

### PARTIRAM PARA FRANÇA dois ciclistas portugueses

Os ciclistas Fernando Moreira e Dias dos Santos, do F. C. do Porto, seguiram há dias para França, Grenoble, onde tomam parte numa corrida de 8 etapas, durante 7 dias. Depois destes 1.604 quilómetros, Fernando Moreira segue directamente para S. Paulo, a fim de tomar parte na corrida «9 de Julho», que o ano passado ganhou. Dias Santos, regressará ao Porto sózinho, e Fernando Moreira apenas estará de volta próximo da grande competição do ciclismo português.

## D O I S ASSUNTOS

### A falta de Jesus Correia

Jesus Correia, o popular «Necas» do Sporting e do Pago de Arcos, não pôde acompanhar ao Porto os seus colegas empenhados de hóquei em patins. O mesmo aconteceu a Sidónio Serpa, outro elemento amigo e popular.

A falta do segundo parece não ter sido notada. Mas a do primeiro causou certa impressão, até no seio da crítica. Não nos parece, porém, que Jesus Correia tenha merecido as censuras traduzidas em letra de forma. E preciso não esquecer que Jesus Correia tem outras obrigações e que também as não pode nem deve desprezar como se julga.

O correcto desportista, sabemos-lo bem, desejará estar presente no Porto neste dia de consagração aos Campeões do Mundo e da Europa, — mas as suas responsabilidades para com o Sporting não lho consentiram.

E como não há-de ser assim? O Sporting conta com Jesus Correia nas suas fileiras. Por de mais lhe foge ele, ora para os estágios ora para os jogos no país e no estrangeiro. Uma vez regressado, e conhecida a vontade manifestada pelo seu clube, desejoso de o incluir na equipa que se deslocou para Abrantes, — teria o «Necas» coragem, e razão para se opor e dizer que... antes queria vir ao Porto?

Somos intransigentes ao máximo. Não gostamos muito de consentir que as coisas do Porto e do Norte sejam mal apreciadas. E tratadas. Mas também não cairemos na injustiça e nem consentiremos que outros o façam.

O que se disse de Jesus Correia — não é justo! Bem sabemos que o público correcto não lhe condenou a atitude. Mas pode ser induzido em erro, lamentavelmente, e é bom que se diga alguma coisa em abono de um rapaz que conhecemos bem, que sabemos educado e incapaz de magoar os desportistas da cidade do Porto.

O seu a seu dono e nada de injustiças!

### Poderia aproveitar-se algo do que se fez para o automobilismo...

Como se sabe, disputou-se na Foz o 1.º Circuito Internacional de Automobilismo. A nossa Revista fez o acompanhamento a reportagem devida. Mas alguém nos lembra o seguinte: o aproveitamento do que está feito para se organizar ali uma grande corrida velocípica.

Na verdade, ao longo das Avenidas da Boavista, Epitáfio Pessoa e Marginal, foram colocadas bancadas amplas para o público. Foi sinalizado convenientemente o local — numa extensão de alguns quilómetros. Ora, se a Câmara Municipal do Porto quisesse auxiliar, por exemplo, os principais clubes praticantes do ciclismo e a própria Associação — que belo espectáculo desportivo poderia realizar-se nas proximidades da Foz!

Estamos certos de que o público adepto da velocípica se agradava do Circuito. Veríamos uma prova de fundo, também semente de aspectos onde a velocidade poderia mandar.

Aqui fica a lembrança. Se ainda for a tempo, aproveitem-na os interesses e a própria Câmara, que tão cuidadosamente promoveu o 1.º Circuito Internacional do Porto.

## TEREMOS UMA EQUIPA NACIONAL FRANCESA NA VOLTA A PORTUGAL

O presidente da Associação de Ciclismo do Norte, Eloi da Silva, retirou o seu pedido de demissão, visto que recebeu do F. C. do Porto a prova de não haver o clube contribuído para uma atitude de «empresário exploradora da pista do Lima».

● Pensa-se com empenho na escolha de um director para a «Volta a Portugal» em bicicleta. Parece, na verdade, que isso é mais difícil do que parecia à primeira vista...

● O F. C. do Porto partiu para o Funchal e Açores. Valton e Vital não acompanharam a equipa. O primeiro — porque naturalmente será dispensado; e segundo, porque sendo funcionário público, não conseguiu a necessária licença.

● O Conselho Fiscal e Jurisdicional da Associação de Futebol do Porto pediu a demissão. Já o tínhamos prestado no último número. Mas haverá mais alguma coisa, dentro de pouco tempo...

● Pelo menos, — uma assembleia geral requerida pelo Escamador. É muito provável que a actual gerência da A. F. de Porto também não saia a sair.

● E visto que falamos em assembleias gerais: — diz-se que também um grupo de associados do F. C. do Porto pensa pedir a convocação de uma assembleia geral extraordinária.

● O dr. Cesário Bonito, presidente da Assembleia Geral do F. C. do Porto, há muitos anos médico que não recebe qualquer remuneração do seu clube, detestou de prestar-lhe agora os seus voltosos serviços.

● Faleceu mais um desportista considerado: António Corte Real, antigo jogador e dirigente do F. C. do Porto, antigo árbitro e membro da Comissão Distrital. António Corte Real era um desportista de excelentes qualidades e foi nos velhos tempos do Clube da Constituição um elemento dedicadíssimo.

● Os enovos do clube talvez o não conhecessem. Todavia, ficava deixando algumas obras da melhor categoria.

● Paz à alma do indito desportista.

● A indicação de João Lourenço para acompanhar Fernando Moreira ao Brasil impressiona vivamente os desportistas portugueses, visto que Luciano Moreira do Sã é campeão nacional de 200 quilómetros e está em forma excelente — a despeito dos seus 19 anos.

● Parece confirmar-se, afinal, a ida de Lourenço, do Boavista, e de Francisco, do F. C. do Porto, para Moçambique. São dois bons elementos que abandonam o futebol português — a ser verdade o que se diz.

● O F. C. do Porto partiu para a Madeira e Açores sem guarda-redes. Pelo menos saiu do Porto sem ele. O caso não deve complicar a equipa. No grupo foi incluído Santos — para todos e colher... É, no último caso, jogará Vieira na baliza. Não defendeu ele já uma grande penalidade a Rogério? São coisas de pouca importância, afinal...

### SZABO vai para Braga?

Diz-se no Porto que o treinador Szabo, actualmente no Oriental, voltará para o Sporting de Braga, onde já esteve há anos, como se sabe. Além do treinador, também o Sporting minhoto deve contar com Szabo (filho) guarda-redes que actuou no Sporting, F. C. do Porto, Académica e Oriental.

O valeroso campeão braçarense conta também reforçar-se com vista à próxima época. O mesmo parece acontecer quanto ao Vitória de Guimarães. Pois assim, desejamos sinceramente que o futebol norteño se valorize.

### TEREMOS UMA EQUIPA NACIONAL FRANCESA NA VOLTA A PORTUGAL

Sabemos que ao jornal organizador, «Diário do Norte», foi oferecida uma equipa francesa para tomar parte na «Volta a Portugal» em bicicleta, marcada para o fim de Julho próximo. Essa equipa, porém, não representaria nenhum clube mas sim o ciclismo do seu país. Envergará, portanto, a equipa nacional da França.

O jornal organizador estuda cuidadosamente a oferta, tudo levando a crer que seja aceita. A ser assim, a próxima «Volta» ficará mais valorizada ainda.

Vamos ter luta firme, com certeza.

# NOTA DA SEMANA

COMO é agradável e envaidece o espirito, reconhecer que um português, longe de sua Pátria, consegue o apiauso e admiração de estrangeiros! Já o grande Camões vibrou de entusiasmo, descrevendo o cavalheirismo e a proficiência de Magriço, no torneio medieval contra os varões de Inglaterra, e nós, em escala menor, desejamos salientá-lo e comportamento de Guilherme Martins pelos ringues brasileiros.

Contra o parecer de doutores, mestres na ciência de antever o futuro, entre os quais nos colocámos, também, marchou o jovem pugilista lusitano para Santa Cruz. Imaginámos, então, que escassas seriam as suas probabilidades, num ambiente diverso e contra adversários de capacidade superior. Enganamo-nos. O nosso compatriota, apoiado na própria confiança, singra admiravelmente, de vitória em vitória, reeditando o rosário de façanhas que Tavares Crespo, vai para um quarto de século, fabricou com dois punhos.

O desmentido de Martins ás profecias dos adivinhos não podia ser mais cabal. Nem mais cabal nem mais brilhante, conforme a imprensa do pais irmão — num gesto de magnífica dignidade — tem salientado, sempre que o jovem campeão de «médiós» revela o facho da superioridade sobre os adversários vencidos.

Sem atingir a craveira dos «ases» do ringue mas igual a eles no decoro e na proficiência, Guilherme Martins põe em foco os méritos da raça lusitana. A laboriosa colónia portuguesa, tão firme nos seus sentimentos de fidelidade patriótica, sente-se rebustecida. Em S. Paulo, como no Rio, corre a aplaudi-lo, certa da importância que o nosso enviado pode adquirir entre os entusiastas brasileiros, valendo de exemplo e «pano de amostras».

Admitimos, evidentemente, que o pugilismo no Brasil se conserve embrionário e pouco á altura, por conseguinte, de apoucar o jogador português. Mas quem sabe do marasmo nacional, como nós sabemos, mais se admira da possibilidade de haver profissionais como o barcelense, superiores a todas as intempéries e derrocadas, geradas pela incompetência.

Martins, jogando em S. Paulo contra o experimentado Jack Bodoreto triunfou por K-O ao assalto, averbando a 4.ª vitória consecutiva.

Bem haja, pelo feito de «armas», e esperemos que continue, mantendo-se fiel ás tradições passadas pelos seus predecessores.

★

**ERGUEU-SE o pano, a orquestra já rompe em acordes para anunciar o prólogo e os espectadores põem, no palco, os seus olhos e ouvidos.**

Vai principiar a fase culminante do campeonato do Mundo de bolapé, entre os treze concorrentes apurados finalistas. A inauguração do vasto Estádio Municipal, de Rio de Janeiro, teve o colorido e o carácter das grandes festas, sem exclusão de incidentes, deploráveis e cómicos.

Nos primeiros figuram 46 pessoas feridas, sabe-se lá como! No segundo, a detenção de cartelistas, em vias de manipular o recheio das algibeiras de outrem.

Quanto aos participantes, só os fracos e modestos vivem horas tranquilas. México, Bolívia e Estados-Unidos nada têm a receer dos resultados e da má sina, pois entendem que os esperam derrotas certas.

Os suecos, contra o clássico juízo geral de serem os homens nórdicos absolutamente isentos de sanções exageradas, parecem contagiados. Afirmam o propósito de eliminar os italianos, grandes favoritos.

Os jugoslavos, formidáveis adversários para os melhores do torneio, protestam contra o calor e estão pessimistas. A turma inglesa espera a sua hora fiel ao lema de Nelson—England expects that every man will do his duty — e os mexicanos passaram da tristeza à exuberância, depois de ganharem ao Botofogo.

Os nossos vizinhos hispânicos mantêm a esperança bem alta e bem leonina, como nos tempos da Grande Armada e de Filipe II.

É assim, mais ou menos, no prólogo. Depois, as coisas mudam de rumo e aparecem as decepções e as surpresas. Constitui uma incógnita, impossível de adivinhar, o nome do país victorioso. Pensamos, todavia, que os brasileiros verão afundadas as suas esperanças. Merá hipótese ditada pelo instinto.

A incerteza do resultado é, sempre, o primeiro factor que dá valimento ás pugnas desportivas e no Rio de Janeiro a regra confirmá-se.

Aguardemos os primeiros encontros, para formular com segurança maior, o desfecho da prova. E, também, para conhecer se o ambiente apaixonado transformou, ou não, o Campeonato do Mundo num campeonato imundo e deplorável.

R. BARRADAS

# de vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

## ATLETISMO

Os campeonatos universitários dos Estados-Unidos tiveram lugar em Minneapolis e mais uma vez a juventude norte-americana pôs em evidência as suas magníficas possibilidades atléticas.

A ventania que soprou durante as provas influiu bastante nos resultados mas estes, no entanto, foram excelentes.

Boyd correu as 100 jardas, em 9,5 s.; Parker as 220, em 21,5; Rhoades as 440, em 47,2; Brown as 880, em 1 m. 51,2; Gehman e Milha, em 4 m. 12,4; Attlesy, as 120 j. barreiras, em 14 s. (sendo conseguido 13,9 na semi-final); Mac Grew saltou em altura 2 metros; Biffle pulou 7,75 m., em comprimento; Smith transpôs 4,34 m. á vara; D. Boyle lançou o disco a 52,24, seguido de J. Ince (52,18) e Fuchs (50,74); Jim Fuchs arremessou o peso a 17 m. 35, seguido de Chandler (17,20) e de Lampert (16,39) e Budheld espetou o dardo a 66 m. 05.

O atletismo também progride em Inglaterra. Um saltador, da Nigéria, S. Williams, tirou 7,95 m. em comprimento; Jack Holden, o veterano das Maratonas, venceu esta corrida em 2 h. 33m. 37 s.; Mac Donald-Bailey correu as 100 jardas, em 9,8 s. e as 220 em 21,5 s.; Pugh triunfou, em 49 s., nas 440 jardas; Wint, as 880, em 1 m. 55,1 s. e Wilson ganhou a milha (1609 m.) em 4 m. 13,4 s.

Durante umas provas efectuadas na Finlândia, conseguiram-se alguns tempos e distâncias excelentes.

Nicklen saltou 2 metros; Kataga pulou 4 m. 20 á vara e Blomster correu a légua em 14 m. 46,2 s.

No encontro internacional entre as seleções espanhola e suíça, realizado no Estádio de Montjuich (Barcelona) os nossos vizinhos foram derrotados por 120 pontos a 91.

Entre outros, resultados notáveis, salientaremos o salto á vara, ganho por Scheurer (S) com 4 m. 10; o novo recorde de Espanha da légua, estabelecido por Coll, com 15 m. 0,16 s. e os 4 x 100 metros (estafetas) que ficou em 43 s. e também constitui o novo máximo espanhol.

Durante a segunda parte dos Campeonatos italianos inter-clubes, realizados em Milão, o lançador Consolini atirou o disco a 51 m. 16. O velocista Sidi, considerado dos melhores europeus nas provas de 400 metros e 200 metros sofreu uma distensão muscular.

## BOXE

Laurent Dauthuille aproxima-se, lentamente mas com segurança, da posição de candidato no título mundial de emédiós.

A sua mais recente façanha, em Montreal, foi vencer por inferioridade física, no 6.º assalto, o rude pugilista de Porto-Rico, Tuzo Português, uma das primeiras figuras da actualidade. O encontro principiou com vantagem para o americano mas, no 3.º assalto, Dauthuille assediou-o com golpes tremedosos e no 4.º derrubou-o. A superioridade afirmou-se no 6.º round seguinte, de tal modo que o árbitro parou o desafio no 6.º período, declarando o francês vencedor.

● Jacques Royer-Crécy é o novo titular da categoria de «médiós», da França. Este jovem profissional de Chateau-Thierry, de quem temos falado nestas columnas, conseguiu um êxito inesperado, a despeito da sua pouca idade.

No entanto, podemos dizer que Jean Stock, o titular derrotado, cedeu ante um fim de época, particularmente fatigante. Ao oitavo assalto, depois de uma luta equilibrada, Stock pediu tréguas, por motivo de dois extensos ferimentos nas

arcadas supraclaviculares. Antes disso, derubara o adversário cerca do termo do 5.º assalto.

● Também o campeonato de Itália é mencionada categoria mudou de possuidor.

Giovanni Manes foi dominado pelo jovem Jannilli, em Milão, perdendo a decisão do árbitro ao fim de 12 assaltos.

● Em Aushurgo (Alemanha) o peso-pesado teutónico Hermann Kohl despatchou o francês T. Muni, por K-O ao 5.º assalto.

● As últimas notícias, vindas dos E. U. A., informam que Jake La Motte, detentor do campeonato do Mundo, de emédiós, aceita combater o campeão da Europa, Tibério Mitri, a 12 do próximo mês de Julho, no Madison S. Garden.

Mitri substituirá Rocky Graziano, indisponível, e Dauthuille como Ray Robinson não puderam aceitar a data proposta pelos empresários, por falta de tempo para os treinos.

Bernardo Docusen, cotado pugilista americano de Nova Orleães, reapareceu depois de uma ausência apreciável e derrotou facilmente, por pontos, Ralph Zanelli.

● Sandy Saddler, pretendente ao título mundial da categoria de semi-leves ex-novo com grande facilidade a Johnny Forte, por «Knockout» no 3.º assalto.

Em Hartford, Kid Gavilan, categorizado pugilista cubano da classe de semi-médiós venceu Bobby Mann, por pontos, no fim de 10 assaltos.

● O campeão da Europa de emédiós, Roberto Proietti conservou o título durante o combate que disputou, em Milão, contra o pretendente oficial, José Prega. O encontro, combinado para quinze assaltos terminou por pontos.

## TENIS

Conforme havíamos previsto, os países apurados para os semi-finais da Taça Davis (zona europeia) foram a Itália, Suécia, Dinamarca e Polónia.

A vitória dos italianos Del Bello e Cuccilli sobre os belgas foi pela tangente. De notar que o primeiro tenista do país eliminado, Washer bateu ambos os italianos.

O jovem Nielsen decidiu, sozinho, a derrota do grupo francês e quanto á Suécia, triunfou em absoluto sobre os filipinos.

O sorteio decidiu, assim, as meias-finais: Itália contra a Dinamarca e Suécia-Polónia. Parece-nos um «match» decisivo entre italianos e suecos, com o apuramento dos últimos para competir com os australianos.

● Em Berlim, o veterano Barão de Von Gramm perdeu ante o americano Bill Talbert, por 6/4, 1/8, 6/0 e 6/1 mas ganhou ao jovem Trabert, por 3/6 e 6/8.

## BICICLETAS

PARA HOMEM  
SENHORA  
e CRIANÇA

Preços sensacionais

Peçam tabelas

ARMANDO CRESPO & C.ª

R do Crucifixo, 116 e 124

Telef. 27027 — LISBOA



**DESPORTISTAS** Canadianas  
MOTOCICLISTAS E AUTOMOBILISTAS e malaias  
de verão

PREFIRAM AS DA ALFAIATARIA PORTO CHIQUE

Caminho Forno de Tijolo, 9-A — Telef. 5 38 69 — LISBOA

Campeonato do Mundo em futebol

# TREZE NAÇÕES na fase final da taça «JULES RIMET»

O torneio começou no sábado com a partida Brasil-México e Admir foi o autor do primeiro golo no novo estádio monumental do Rio



Entre os «grandes» do futebol que estão no Brasil Mun-  
nion e Finney — a asa esquerda do grupo de Inglaterra  
— não passam despercebidos



Admir, o avançado do Vasco da Gama e do  
Seleção do Brasil foi o autor do primeiro  
golo marcado no novo e monumental Estádio  
do Rio de Janeiro

**C**OM a inauguração do estádio municipal — e monumental — do Rio de Janeiro, começou, no sábado, o «acontecimento» desportivo do ano: a quarta disputa do campeonato do Mundo em futebol.

Dizem as agências telegráficas que, na véspera, já a lotação estava esgotada; e que, duas horas e meia antes do encontro de abertura, Brasil-México, nas ruas e avenidas de acesso ao campo não se podia romper! Não custa a crer que assim tivesse sido, porque o acontecimento era realmente de tomo, interessando não somente o povo do Brasil como os milhares de estrangeiros que se encontram na capital da grande nação sul-americana para assistirem aos desafios da Taça do Mundo.

A cerimónia inaugural, a que presidiu o Chefe do Estado brasileiro, general Gaspar Dutra, constituiu espectáculo de maravilha — como, aliás, não podia deixar de ser, dada a importância do notável acontecimento. Cerca de 150 mil pessoas assistiram ao jogo Brasil-México, que aquele ganhou por 4-0, golos de Jair (2), Admir e Baltasar. Mas, em menos de dez minutos, o estádio monumental do Rio — cuja construção, apesar de ano e meio de trabalho diário, por brigadas de operários que variavam entre dois a seis mil homens, ainda não está concluída — ficava completamente vazio...

O estádio, depois de pronto, terá custado a astronómica cifra de cinco milhões de libras; mas daquela fortuna fez-se o maior monumento do Mundo no género. E, por conseguinte, o orgulho máximo do Brasil desportivo.

(Continua na página 10)



Jair que foi apontado como indiscutível na selecção do Brasil marcou dois golos no encontro Brasil-México

## ANDEBOL NO PORTO



O grupo de andebol Teneco, de Pontevedra que jogou no Porto com o Estrela e Vigorosa.

## O Circuito de Vila Real

Foi mais um êxito o Circuito Automobilístico de Vila Real, que proporcionou vitória magnífica ao italiano Carini, que vemos em baixo, em plena prova. A direita — António Pinto vencedor do circuito de motos, numa fase da prova.



A cerveja é a bebida que prefiro

UM COPO DE CERVEJA É UM COPO DE SAÚDE

## O CELTA DE VIGO em BRAGA

No seu Estádio «28 de Maio», Braga recebeu o grupo do Celta de Vigo que ali jogou com o Sporting local, perdendo o desafio por 4-7. 1 — As duas equipas. 2 — Uma movimentada fase junto à grande área do Celta.

